

ARQUITETURA EM AMBIENTES DE TRABALHO: UM COWORKING PARA NOVOS ARQUITETOS

MARIANA MORAES BUENO DE OLIVEIRA



ARQUITETURA EM AMBIENTES DE TRABALHO: UM COWORKING PARA NOVOS ARQUITETOS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO TECNOLÓGICO

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

AUTORA: MARIANA MORAES BUENO DE OLIVEIRA (17105332)

ORIENTADORA: ANNA FREITAS PORTELA DE SOUZA PIMENTA

FLORIANÓPOLIS, 2022

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Lineu e Deolinda, que nunca mediram esforços e sempre fizeram de tudo por mim e para mim. À minha irmã, Gabriela, que me inspira em tantas coisas no dia a dia e nunca larga minha mão.

Aos arqamigos que cruzaram meu caminho durante a graduação e que de alguma forma estabeleceram algum tipo de troca, profissional ou pessoal. Em especial, à Larissa, Letícia e Nallan que mesmo de longe, se fizeram muito presentes nessa reta final, e à Maria Eduarda P., Maria Eduarda Z., Matheus e Tadashi que me deram os abraços e ajudas necessárias em todos os momentos.

Ao escritório +2ARQ. por ter me apresentado o mundo da arquitetura corporativa, e por todas as oportunidades de crescimento profissional. À equipe do escritório que me incentivou e acompanhou este TCC de perto. Em especial aos meus chefes, André e Paula, que com sua forma de fazer arquitetura, me reaproximaram à profissão.

À minha Orientadora, Anna, que foi professora, terapeuta e amiga durante o processo. E por fim, mas não menos importante, à UFSC, por fornecer ensino público de qualidade e todas as experiências que vivi nesses últimos 5 anos.

RESUMO

A partir da aproximação com a Arquitetura Corporativa, através de um estágio, surge o interesse de pesquisar mais sobre a temática e entender como a elaboração de um ambiente de trabalho pode favorecer a produtividade individual, e fazer a diferença na vida das pessoas. Além disso, sempre existiu o interesse de fazer uma boa arquitetura com edificações já existentes, de maneira que através do reuso adaptativo fosse possível valorizar ainda mais um espaço abandonado atualmente. Unindo os fatos, o objetivo do trabalho é projetar um Coworking para Novos Arquitetos através da requalificação da Escola Antonieta e Barros, em Florianópolis.

SUMÁRIO

01 INTRODUÇÃO	03
1.1 APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA	
1.2 OBJETIVOS	
02 OS AMBIENTES DE TRABALHO	04
2.1 HISTÓRICO DE EDIFÍCIOS DE ESCRITÓRIO	
2.2 TIPOS DE OCUPAÇÃO DOS AMBIENTES DE TRABALHO	
2.3 COWORKING	
2.3.1 DEFINIÇÃO	
2.3.2 CASOS EM FLORIANÓPOLIS	
2.3.3 PESQUISA DE OPINIÃO	
03 O LOCAL E O REUSO ADAPTATIVO	08
3.1 ESCOLHA DO LOCAL	
3.2 ESCOLA ANTONIETA DE BARROS	
04 INTRODUÇÃO AO PROJETO	11
4.1 INSTRUMENTOS LEGAIS	
4.2 TEORIA DAS CORES	
4.3 PROJETO CORPORATIVO	
05 O PROJETO	13
5.1 CONCEITO E PROGRAMA DE NECESSIDADES	
5.2 IMPLANTAÇÃO	
5.3 MODIFICAÇÕES ESTRUTURAIS	
5.4 ANTEPROJETO DE INTERIORES	
06 CONCLUSÃO	33
07 REFERÊNCIAS	34

01 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA

A trajetória no curso de Arquitetura e Urbanismo, sempre me deixou claro a diversidade de áreas de atuação dentro da profissão, e, os vários desafios diante de cada uma delas. Contudo, foi só no final do curso que me aproximei de uma área que me encantei: a Arquitetura Corporativa. A partir de um estágio voltado para Arquitetura Comercial, tive a oportunidade de participar da elaboração de alguns projetos corporativos e enxerguei nessa área um possível estudo, uma vez que se trata de uma divisão da Arquitetura bastante presente no cotidiano porém sem muitos dados compartilhados ao longo do curso. Durante a pesquisa, pude perceber que dentro dessa temática, deveria explorar mais a fundo a questão dos ambientes de trabalho, sobretudo em escritórios, pois percebi nesse nicho uma relação direta com a possibilidade de fazer a diferença na vida dos outros, o que sempre foi meu grande objetivo de iniciar a profissão.

Entre tantas subdivisões na temática, o estudo da modalidade de Coworkings fez-se ainda mais necessário considerando o contexto da Pandemia do COVID-19, com a crescente de trabalhos em home office. Ademais, Santos (2014) afirma que o modelo de Coworking é um marco importante para a arquitetura corporativa por envolver novas necessidades e novos modos de trabalho. Além de incluir a concepção de um espaço, essa modalidade inclui ainda, a construção de comunidades com pensamentos semelhantes, podendo inclusive favorecer a co-criação de projetos. A partir dessa definição, o tema é lapidado para a concepção de um coworking voltado para arquitetos, uma vez que esse espaço poderia favorecer trocas e experiências para os profissionais no início da carreira, sem a preocupação de despesas iniciais com o espaço físico de trabalho.

Além disso, durante a formação, muito me foi exposto sobre a necessidade de projetar locais flexíveis, principalmente, em relação ao uso, com objetivo de tornar os ambientes menos obsoletos com o passar do tempo. Com isso e com a observação do aumento de imóveis em desuso, surge a vontade de trabalhar com algo já existente. Assim, como será visto mais à frente, optou-se por trabalhar no restauro da Escola Antonieta de Barros, no centro de Florianópolis, que está abandonada há pelo menos 10 anos.

1.2 OBJETIVOS

Considerando as motivações do trabalho, o objetivo geral consiste no desenvolvimento do anteprojeto de reuso da Escola Antonieta de Barros, através da implantação de um coworking para novos arquitetos. Este por sua vez, inclui como objetivos específicos teóricos o entendimento e análise do papel da arquitetura dentro dos ambientes de trabalho, a compreensão do termo “reuso adaptativo” e sua aplicação no imóvel em estudo, o estudo do histórico da Escola em análise. E ainda, como objetivos específicos projetuais, requalificar, restaurar e valorizar o patrimônio (hoje abandonado), propor um ambiente colaborativo, funcional e confortável, promover o encontro de profissionais de uma mesma área para incentivar trocas e crescimento coletivo, e propor um espaço com atrativos para viabilizar o início da carreira autônoma.

02 OS AMBIENTES DE TRABALHO

2.1 HISTÓRICO DE EDIFÍCIOS DE ESCRITÓRIO

Para contextualizar o histórico dos ambientes de trabalho, faz-se necessário inicialmente falar sobre os modos de trabalho e o início de fato de edifícios destinados a escritórios. O modo de trabalho do presente estudo tem início dividido entre dois eixos: Estados Unidos e Europa, isso porque, os escritórios têm seu início com a Revolução Industrial, na qual os métodos de serviço deixam de ser apenas rurais e passam a representar, na prática, locais de trabalho. Além disso, esse processo também representa o movimento do campo para cidade e estímulo à valorização do solo, introduzindo os edifícios nos desenhos urbanos.

Segundo Andrade (2007) em um primeiro momento, a mão de obra migra do campo para indústria e depois da indústria para o escritório e é nesse momento que os ambientes de trabalho começam a ganhar espaço e forma. Brevemente, pode-se dizer que nos primeiros 100 anos dessa história, muitos dos escritórios eram determinados pela arquitetura e evolução das técnicas construtivas, envolvendo desde desenvolvimento de elevadores, do estudo de sistemas estruturais mais elaborados, até a compatibilização de soluções térmicas e acústicas. Nesse contexto, é importante destacar que desde o início do surgimento de escritórios, os dois continentes expoentes do modelo - América do Norte e Europa - tinham modelos diferentes em desenvolvimento. Nos Estados Unidos, onde nasceram os arranha-céus, os edifícios seguiam duas linhas de projeto: com planta livre ou com átrio central, e se resumem em sua maioria como edifícios imponentes e com volumes mais comuns, podendo ter flexibilidade de usuários, além da preocupação estética de fachada. A Europa, por sua vez, corresponde ao continente que considera a construção de um edifício para um uso específico, descartando a possibilidade de tornar esses uma mercadoria e entrega edifícios com porte menor e normalmente em áreas de subúrbio.

Ainda com enfoque principal na arquitetura do edifício, a partir da década de 1970 as edificações passam a ter inovações tecnológicas que vem para modernizar e controlar os prédios.

“Especialistas do Centro de Diagnósticos de Edifícios da Universidade Carnegie Mellon, Pittsburgh (PE), nos Estados Unidos, conceituam edifícios inteligentes como aqueles altamente capacitados para receber novas tecnologias, envolvendo hardwares, sistemas de telefonia e rede de computadores. Devem dispor de sistemas de gerenciamento não somente para manutenção e operação predial, mas principalmente para garantir o conforto ambiental, seja através de controles automatizados por setor e/ou pavimentos, seja por controles de acionamento individual, permitindo aos usuários o ajuste das condições de conforto que atenda às suas necessidades básicas.” (ANDRADE, 2007, p.22)

Assim, surge o conceito dos edifícios inteligentes que se difunde pelo mundo de maneira facilitada com o processo da globalização e é aplicado no mercado imobiliário independente de questões particulares de cada localidade. O avanço tecnológico dos últimos anos, permite que os edifícios se tornem cada vez mais integrados, e com soluções que garantam segurança e melhor desempenho de seus sistemas. No entanto, estes demandam de alta manutenção específica e, em sua

maioria, adotam medidas de projeto que afastam os usuários de situações e confortos naturais. Dentro desse cenário surgem algumas certificações para os edifícios, para garantir que esses envolvem sustentabilidade em seu projeto e garantem bem estar aos usuários.

No Brasil, o processo de modernização e verticalização tem início no começo do século XX, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, e tem por característica inicial, uma expressão de poder de multinacionais através de seus edifícios. O principal estilo observado nos edifícios nesse período é o eclético, ainda que existam alguns exemplares icônicos modernos, como o Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro e o edifício sede do antigo Banco Sul-Americano, na Avenida Paulista em São Paulo. Até 1970 estes tinham ocupação mista, sem prioridade do uso de escritórios. A partir daí as grandes cidades passam a ter uma avenida principal para o centro financeiro e nelas começam a surgir edifícios exclusivos de escritórios, normalmente de concreto armado e que se diferenciavam por cores e formas.

Em Florianópolis, durante esse período ocorria o desenvolvimento da cidade como capital, e os grandes investimentos estavam direcionados então para a infraestrutura urbana, na qual, diferente dos outros centros urbanos não se desenvolveu uma via principal para abrigar grandes edifícios.

Contudo, é possível citar como primeiros exemplos corporativos na cidade, o Edifício das Diretorias e o Ceisa Center, que apesar de estarem em eixos diferentes, situam-se no centro.

Nesse contexto, de mudanças e de reprodução de estilos e tendências, não havia muita preocupação com a eficiência direcionada às necessidades dos edifícios exclusivamente de escritórios, principalmente em relação à locação dos mesmos. O conceito de edifícios inteligentes chega no país na década seguinte e é aplicado de maneira não pensada e desenfreada.

“(…) O marketing em torno da denominação inteligente no Brasil foi tão intenso que, mesmo sem saber ao certo quais os requisitos para tornar um edifício inteligente, popularizou-se que itens tais como granito em fachadas, vidros laminados, foyer com pé-direito duplo, central de segurança e ar condicionado central elevam qualquer edifício moderno a essa categoria. Em nome da inteligência, edifícios de alto padrão construtivo foram lançados, mas com baixo padrão de ocupação ambiental.” (ANDRADE, 2007, p.34)

A partir desse conflito de ideias de incorporação da “inteligência” em edifícios, e de uma alta expansão de escritórios pelo país, conceitos se atualizaram, e se desenvolveu o que era chamado de “projeto vivo”, que se baseia na aplicação da tecnologia mais avançada existente, em cada etapa de projeto, considerando todos os processos e a locação dos edifícios. Nesse contexto, os vários tipos de ambiente de trabalho são aplicados no Brasil dentro das demandas locais.

2.2 TIPOS DE OCUPAÇÃO DOS AMBIENTES DE TRABALHO

Internamente aos edifícios estão os ambientes de trabalho, e foram esses que passaram pelas maiores mudanças que de fato interferem e são perceptíveis na qualidade e bem estar dos locais de trabalho. Os ambientes foram se modificando de acordo com as tendências do mercado e em resumo, tiveram novas funcionalidades de planta e layout determinadas pelos modos de trabalho correntes em cada época.

Andrade (2007) aponta que dos primórdios dos ambientes de escritório até 1950 predominavam aqueles que eram doutrinados pelo conceito Bullpen, diretamente relacionados com o taylorismo, baseado em uma divisão marcada entre trabalho intelectual e braçal, além dos modelos de hierarquia aplicados de maneira impositiva. Os ambientes nessa ocasião eram determinados por um layout rígido no qual quanto mais alto o escalão, mais alta era sua ocupação no edifício e os setores mais baixos eram alojados em espaços abertos e setorizados como uma grande linha de montagem. Nesse momento, os parâmetros ergométricos começam a ser estabelecidos e direcionam para a criação de postos de trabalho padronizados por função, além da escolha de materiais sendo relacionada com o poderio de hierarquia.

Esse modelo foi amplamente aplicado na América, e começou a entrar em decadência devido a um forte movimento humanista que se inicia com a Segunda Guerra Mundial, e que bate de frente com o tratamento dos trabalhadores como se fossem máquinas. Nesse contexto, surge então, na Alemanha, um novo conceito: Escritórios Panorâmicos. Também conhecido como Landscape Office, esse modelo é marcado pela ausência de paredes e divisórias e conseqüente intensificação na interação entre trabalhadores. Além disso, no layout era priorizada a comunicação interna de maneira que os fluxos de trabalho eram aperfeiçoados e o alto escalão ficasse acessível a todos, assim valorizando mais os trabalhadores. Junto à humanização dos espaços, esse modelo também começou a incluir áreas de descompressão e elementos decorativos, como obras de arte e plantas ornamentais, com objetivo de aprimorar o bem-estar local. O ponto fraco dos escritórios panorâmicos, apesar da inserção de carpetes e forros modulares, diz a respeito à acústica.

Na década de 1970, é introduzido inicialmente no Japão o sistema de produção Toyota, que se resume a qualificar todos os trabalhadores como gestores de qualidade, produção “just in time” e o contato direto com os clientes. Dentro dessas premissas, a realidade do layout da arquitetura corporativa passa por modificações para atender necessidades específicas, tal qual o toyotismo, e o que primeiro sofre modificação são os mobiliários. Robert Propst desenvolve o Action Office System em que os postos de trabalho garantem funcionalidade e conforto e tem como grande diferencial a estruturação de tudo que é necessário ao trabalho em cima de um biombo, criando assim um sistema integrado, conhecido hoje como estação de trabalho.

Nesse contexto é desenvolvido o modelo que foi precursor dos estilos de escritório mais atuais: o Escritório de Planta Livre, que consiste na individualização das estações de trabalho, e para isso a utilização de diversos tamanhos de biombos, escolhidos de acordo com cada particularidade de ação. Nesse modelo, o alto escalão é locado nas extremidades das plantas, porém com as mesmas características dos demais trabalhadores. É importante destacar que finalmente, o usuário passa a ser centro e escala de projeto, pois esse tipo de ocupação é desenhado de acordo com as proporções humanas e com objetivo de proporcionar maior produtividade possível. As principais adaptações de mobiliário que acontecem nesse

período são decorrentes da necessidade de flexibilização dos postos, da análise de custo desses e da compatibilização com os novos usos de tecnologia nos ambientes de trabalho. Dessa forma, foram sendo notadas novas demandas de adaptação de mobiliário e esse tornando-se uma nova escala determinante para os futuros modelos de ocupação.

No período da Grande Depressão, 1980, as empresas passaram a priorizar o que era essencial para sua atuação e então terceirizar serviços que pudessem ser produzidos com maior excelência por outras empresas. Somado a isso, a globalização foi intensificando a democratização de informação e ampliando a competição de mercado, tornando os modelos de ocupação cada vez mais complexos, uma vez que agora para viabilizá-los era necessário a consideração de diferentes fatores, de acordo com cada empresa. Assim, a partir desse momento, os escritórios passam a ser divididos entre territoriais e não territoriais, ou seja, aqueles que precisam de estações de trabalho físicas e individuais, enquanto o outro pode ter estações compartilhadas por que o serviço não se baseia apenas no modo presencial.

Os Escritórios Territoriais se dividem entre três tipos de layout: o aberto, o fechado e o aberto / fechado. O primeiro deles é como uma lapidação dos escritórios de planta livre, e pode ser totalmente aberto sem divisões e com apropriação de biombos mais baixos, a fim de garantir equilíbrio entre privacidade e interação; ou dividido em grupos, que permite melhor aproveitamento acústico e união entre trabalhadores de um mesmo setor. O fechado, por sua vez, tem divisões internas que garantem mais privacidade e conforto acústico e podem ter longos corredores ou salas na periferia das plantas proporcionando no centro uma área comum. O último une as melhores propriedades de cada um dos anteriores, ou seja, possui divisões estabelecidas com biombos e salas apenas para os ocupantes de hierarquias mais elevadas. Os Escritórios Não Territoriais são resultado do avanço da tecnologia que permitiu que alguns tipos de trabalho pudessem ser realizados fora dos escritórios.

“Em linhas gerais, esse grupo de conceitos caracteriza-se pela inexistência de uma estação de trabalho individualizada. O material de trabalho pode ser armazenado em um volante-gaveteiro que pode ser deslocado para qualquer lugar da empresa, os telefones deixam de ser fixos e passam a ser sem fio e, no lugar dos microcomputadores do tipo PC, os funcionários utilizam os portáteis tipo laptop e notebook.” (ANDRADE, 2007, p.67)

Com essa facilidade de deslocamento, e considerando que o trabalho agora está disponível em qualquer lugar, seguindo os avanços tecnológicos, se inicia no mundo o processo de transição para o modelo de escritório híbrido, que seria dividido entre um escritório físico central e o home office da maior parte dos trabalhadores, e em alguns casos, escritórios físicos mais periféricos para atender demandas mais pontuais. Através dessas mudanças, surge o chamado escritório virtual, que consiste na capacidade do indivíduo transformar qualquer ambiente em escritório de trabalho, garantindo a mobilidade do sistema híbrido. Atualmente, esse termo também é aplicado para empresas que não possuem um espaço físico, mas contam com uma secretaria virtual que atende os clientes, independente das localidades.

Cabe destacar que assim como o processo dos escritórios, esses modelos de ocupação, foram aplicados no Brasil de maneira tardia e seguindo os modelos que estavam vigentes em cada período. Dessa forma, o modelo mais perpetuado nacionalmente foi o de planta livre, já que possibilita maiores

personalizações, inclusive com a inclusão do modelo organizacional do conceito Bullpen - visto anteriormente. Além disso, tendo em vista a cultura de dominação e poder que existe no país, a organização não hierárquica das plantas fica comprometida e a solução é a imposição de escritórios fechados para o alto escalão e o modelo aberto para áreas técnico-administrativas. Ainda dentro dessa lógica cultural, o Brasil vinha tendo resistência em relação a transição para o sistema híbrido, uma vez que ter o espaço físico pudesse representar poder. Contudo, com a Pandemia da COVID-19, esse processo se deu de maneira impositiva e nesse último ano pode-se perceber que o país se alinhou mundialmente, no que diz a respeito da ocupação de espaços físicos e a disponibilidade de aplicação do conceito de escritórios não territoriais.

2.3 COWORKING

2.3.1 DEFINIÇÃO

Nos últimos anos, pode-se perceber um novo modelo de espaço de trabalho denominado como Coworking. Esse por sua vez, define um ambiente compartilhado entre pessoas com trabalhos flexíveis, que tem por objetivo principal, reduzir recursos de infraestrutura física para a locação de um escritório. Sendo assim, compreende um espaço que envolve a arquitetura corporativa e ainda um modelo de consumo colaborativo.

“Esta nova tipologia de espaço ou arquitetura, procura responder aos anseios de uma crescente comunidade de profissionais, sejam eles empreendedores, freelancers ou pequenas empresas que necessitam espaços formais de trabalho a preços acessíveis e onde seja possível ampliar as suas redes de contato com outros profissionais, criando uma relação de mútuo benefício, permitindo compartilhar espaços e recursos como internet de alta velocidade, salas de reuniões, mobiliário, iluminação e energia, arquivos, impressoras, copiadoras, cozinha, telefone além é claro, de uma ótima localização.” (ARELLANO, 2019)

Santos (2014) afirma que o modelo de Coworking é, então, um marco importante para a arquitetura corporativa, por abordar novas necessidades e modos de trabalho. Além de incluir a concepção de um espaço, inclui ainda a construção de comunidades com pensamentos semelhantes, podendo inclusive favorecer a co-criação de projetos.

A partir dessa percepção do conceito, como sendo um modelo colaborativo, Tara Hunt e Chriss Messina produzem uma plataforma colaborativa, Coworking Wiki, na qual determinam os cinco valores principais para caracterizar um local como tal: **abertura, sociedade, acessibilidade, sustentabilidade e colaboração**.

A abertura está relacionada ao fato dos usuários valorizarem as trocas favorecidas pelo local, através de decisões tomadas de maneira clara e inclusiva para todos. A **sociedade** compreende o fato que o espaço tem por objetivo promover uma comunidade colaborativa e portanto, fortalecer o pertencimento a uma sociedade. O Coworking deve ser **acessível** para todos, tanto em relação às normativas quanto em relação à abertura de pensamentos. A **sustentabilidade** abrange tanto os aspectos ambientais diante da possibilidade de menos ambientes novos construídos, quanto pela troca de ideias e serviços dentro do estabelecimento. E a **colaboração** é fundamental para a

concepção do conceito, pois este sugere que seja um ambiente de trabalho conjunto entre diferentes partes, e deve ser encorajado pelo desenho arquitetônico.

Por uma análise tipológica, o Coworking materializa um espaço proveniente da união entre o Home Office com os Escritórios Virtuais. Normalmente, é concebido através do modelo de escritório territorial aberto / fechado. Isso porque, a planta aberta favorece um espaço colaborativo, enquanto os espaços fechados são destinados a alguns serviços que serão apresentados a seguir.

Levando em consideração o levantamento de Coworkings existentes na ilha de Florianópolis e a revisão bibliográfica, os ambientes desse tipo de estabelecimento foram divididos entre: Ambiente Compartilhado, Sala de Reuniões, Salas Privativas, Cabines Individuais, Auditório ou Sala de Treinamento, Recepção e Secretária e Endereços Comercial e Fiscal.

No quadro a seguir os serviços serão detalhados.

SERVIÇO	DESCRIÇÃO
Ambiente Compartilhado (1)	Estações de trabalho compartilhadas e com ocupações variáveis
Sala de Reuniões (2)	Salas com lotação limitada para eventos esporádicos
Sala Privativa (3)	Ambientes particulares com ocupação limitada
Cabine Individual (4)	Pequenas salas para reuniões online e ligações
Auditório Sala de Treinamento (5)	Ambientes para eventos de porte maior
Recepção Secretaria (6)	Para visitas externas e atendimento online para as empresas
Endereço Comercial (7)	Locação de escritórios virtuais para apresentação comercial
Endereço Fiscal (8)	Para fins exclusivamente tributários e formais para abertura de empresas

QUADRO 01: Serviços ofertados em Coworkings. Fonte: autoria própria

2.3.2 CASOS EM FLORIANÓPOLIS

No quadro seguinte, é apresentado o levantamento de Coworkings em Florianópolis junto aos serviços disponíveis, legendados conforme tabela anterior.

NOME	LOCALIZAÇÃO	SERVIÇO							
		(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
A Fábrika Working Bar	Centro	✓	✓			✓			✓
BD Detalhes Coworking	Jurerê	✓	✓						
B2B Offices	Centro	✓	✓	✓	✓				
COMadre	Sta. Mônica	✓	✓	✓		✓			✓
Cool2Work	Centro	✓		✓		✓			
	Sto. Antônio de Lisboa	✓		✓		✓			
Coworking da Ilha	Rio Tavares	✓	✓		✓			✓	✓
Embraoffice	Estreito	✓	✓	✓		✓	✓	✓	✓
Escritório Design	Centro	✓	✓	✓		✓		✓	✓
Favo Coworking	Ingleses	✓	✓	✓		✓	✓		✓
HorizonAuri Coworking	Canasvieiras	✓	✓						
HZ Coworking Space	Centro	✓	✓	✓		✓	✓	✓	✓
Impacthub	Centro	✓	✓	✓		✓	✓	✓	✓
	Saco Grande	✓	✓	✓		✓	✓	✓	✓
Lawffice	Centro	✓					✓	✓	✓
Lemonadde	Itacorubi	✓	✓	✓	✓	✓	✓		✓
Luminère Coworking	Centro	✓	✓	✓			✓	✓	✓
MNZ Coworking	Estreito	✓	✓	✓				✓	✓
O Sítio	Lagoa da Conceição	✓	✓						
Sala e Negócios	Ingleses	✓	✓			✓		✓	✓
SANDBOX Coworking	Rio Tavares	✓	✓	✓		✓		✓	✓
Seaside Coworking	Saco Grande	✓	✓	✓		✓			✓
SoHo Centro de Inovação	Coqueiros	✓	✓			✓	✓		
S7	Centro	✓	✓	✓		✓	✓		✓
	Centro	✓	✓	✓		✓	✓		✓
	Sta. Mônica	✓		✓					✓
Tarrafa Coletivo Criativo	Rio Tavares	✓	✓	✓		✓		✓	✓
Vilaj Coworking	Trindade	✓	✓			✓			✓
We Cowork It Out	Lagoa da Conceição	✓	✓						✓
Work Center	Centro	✓	✓	✓			✓	✓	✓

QUADRO 02: Relação de Coworkings em Florianópolis. Fonte: autoria própria

2.3.3 PESQUISA DE OPINIÃO

A partir do aprofundamento nos conceitos de ambientes de trabalho e consequente pesquisa sobre coworking, surge a ideia de projetar um espaço voltado para novos arquitetos. Tal fato é justificado dentro do conceito de coworking visto anteriormente, uma vez que compreende a proposta de gerar um espaço mais acessível financeiramente para início de carreira, além constituir um ambiente colaborativo em que os usuários pudessem trocar experiências e informações.

Com o intuito de entender melhor a real demanda de um espaço como esse para a Ilha de Florianópolis, além de traçar objetivos projetuais, foi elaborado um formulário divulgado principalmente entre graduandos e recém formados em Arquitetura e Urbanismo, que seriam as pessoas para o qual destina-se este projeto, cujo resultado será desmembrado a seguir.

Dentro do contexto de uma profissão de trabalho autônomo, inicialmente pergunta-se sobre a perspectiva de ter um escritório próprio no início da carreira, e dos 120 participantes, 77 afirmam que isto é um desejo. Além disso, a proposta de um coworking apenas para arquitetos é explicada, e aproximadamente, 70% julgam interessante, como pode ser visto no gráfico abaixo:

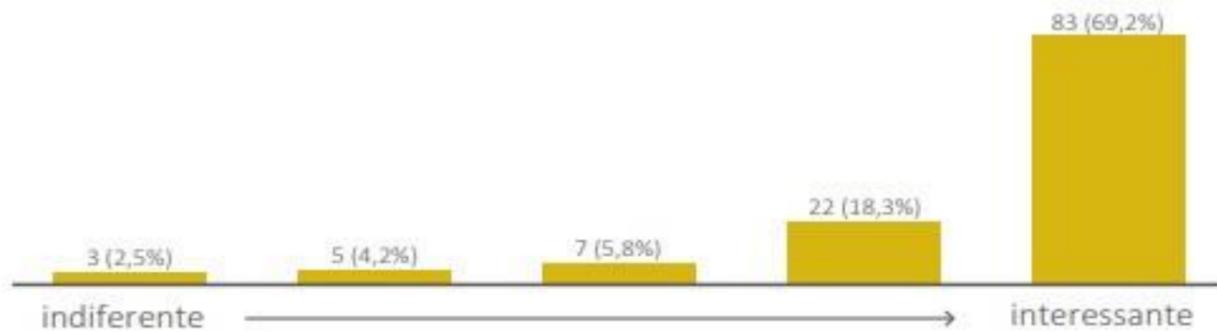


GRÁFICO 01: Elaborado a partir da seguinte pergunta: "O que pensa sobre a possibilidade de um coworking voltado apenas para arquitetos, com a possibilidade de espaços comuns favoráveis a troca de experiências e espaços privados para reuniões ou demandas exclusivas (como por exemplo apresentação de fornecedores)?" . Fonte: autoria própria

A respeito da localização foram consideradas duas possibilidades: um local central, que foi escolha de dois terços dos participantes, ou um local próximo a moradia dos mesmos. Para essa pergunta foi gerado o seguinte gráfico:

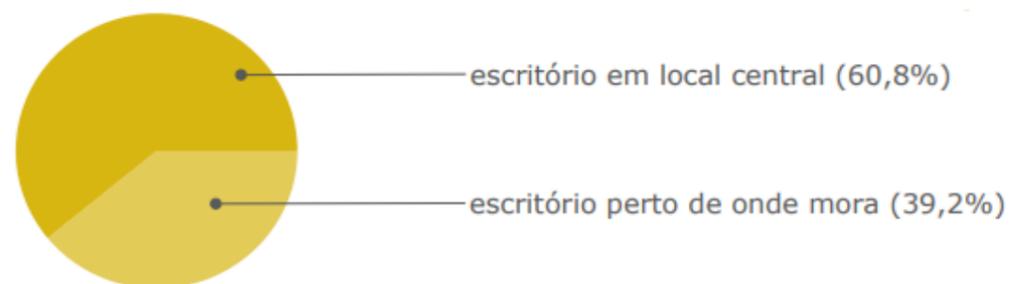


GRÁFICO 02: Elaborado a partir da seguinte pergunta: "Tendo em vista que dentro do dia a dia da profissão realizamos visitas a obras e fornecedores, para você é melhor estabelecer o local de escritório mais perto da onde você mora ou de uma área central para facilitar deslocamentos?" . Fonte: autoria própria

Por fim, para traçar o plano de necessidades e de ambientes as perguntas foram direcionadas, de acordo com o levantamento de espaços de coworkings já citado anteriormente, com o objetivo de perceber quais são as prioridades para os usuários. O resultado pode ser visto nos gráficos a seguir.

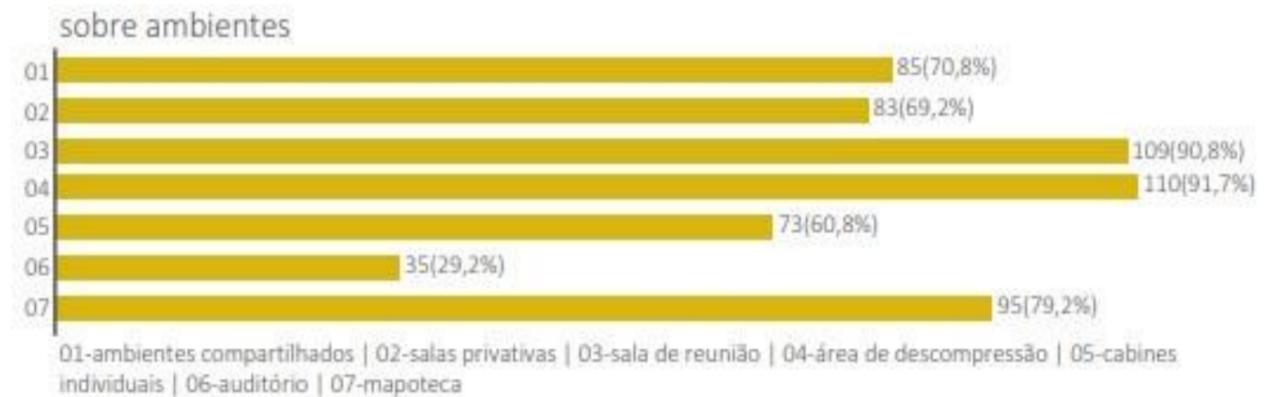


GRÁFICO 03: Elaborado a partir da seguinte proposição: "Por definição coworking corresponde a um espaço de trabalho compartilhado com a otimização de recursos para aqueles que o utilizam. A partir disso, marque os ambientes que você acha fundamental para esse tipo de espaço." . Fonte: autoria própria

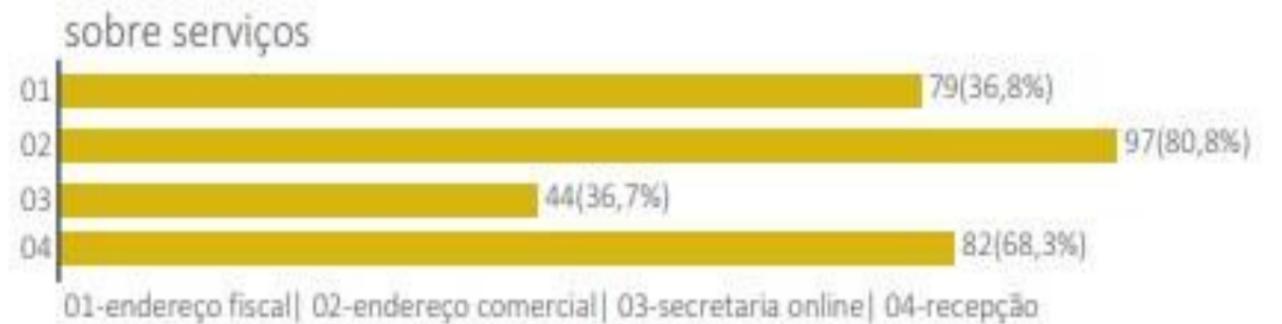


GRÁFICO 04: Elaborado a partir da seguinte proposição: "Outro ponto é que os coworkings são nomeados como escritórios virtuais pois compreendem espaços físicos de escritórios que existem em qualquer lugar, através da mobilidade garantida pela tecnologia. Assim, além de espaços, esse modelo corporativo também fornece alguns serviços, quais deles você julga interessantes e necessários?" . Fonte: autoria própria

Além disso, aparecem como sugestões repetidas: necessidade de humanização do espaço, principalmente através de vegetação; preocupação com ergonomia; consideração, principalmente, do conforto acústico; inclusão de outros serviços burocráticos para auxílio na execução da profissão; inclusão de espaços de produção de material físico: maquetaria e impressões.

03 O LOCAL E O REUSO ADAPTATIVO

3.1 ESCOLHA DO LOCAL

Conforme foi dito na apresentação do trabalho, existia o interesse de trabalhar com alguma edificação já existente com duas motivações principais. Primeiramente, envolve uma crença pessoal em relação a observação de um aumento de imóveis subutilizados enquanto grandes empreendimentos são lançados diariamente, e esses por sua vez, inclusive resultam na demolição de antigos locais cheios de histórias e uma alteração significativa na paisagem. Em segundo lugar, a experiência de estágio que tive com projetos corporativos, em sua maioria, compreendem projetos de interiores, em locais já construídos, já que tem por objetivo proporcionar um melhor ambiente de trabalho. Dessa forma, opta-se então por fazer um projeto que se enquadra como um projeto de reuso adaptativo, ou seja, a requalificação de uma edificação com alto valor histórico com adaptações de uso ou desenho interno com objetivo de tornar o ambiente ativo novamente sem perder seu caráter inicial. Cutieru (2022) ainda cita que essa vertente de projeto também favorece no fortalecimento da identidade cultural e urbana onde é aplicada.

Com isso, a busca por terreno passou a ser a procura por uma edificação existente disponível, e para nortear esse processo foi considerada a pesquisa de opinião apresentada anteriormente. De acordo com o que foi exposto no item 2.3.3, a maior parte dos participantes da pesquisa prefeririam um local central em relação a um local próximo de suas residências, dessa forma, percebe-se a alta demanda por coworkings na porção central da Ilha. Assim, a Escola Antonieta de Barros, localizada no centro leste, foi escolhida como objeto de estudo e trabalho. No mapa a seguir, são identificados os coworkings existentes na área central e é possível perceber que a região do centro leste possui menos estabelecimentos próximos do que quando comparado ao restante do centro, assim, a localização escolhida é complementar.

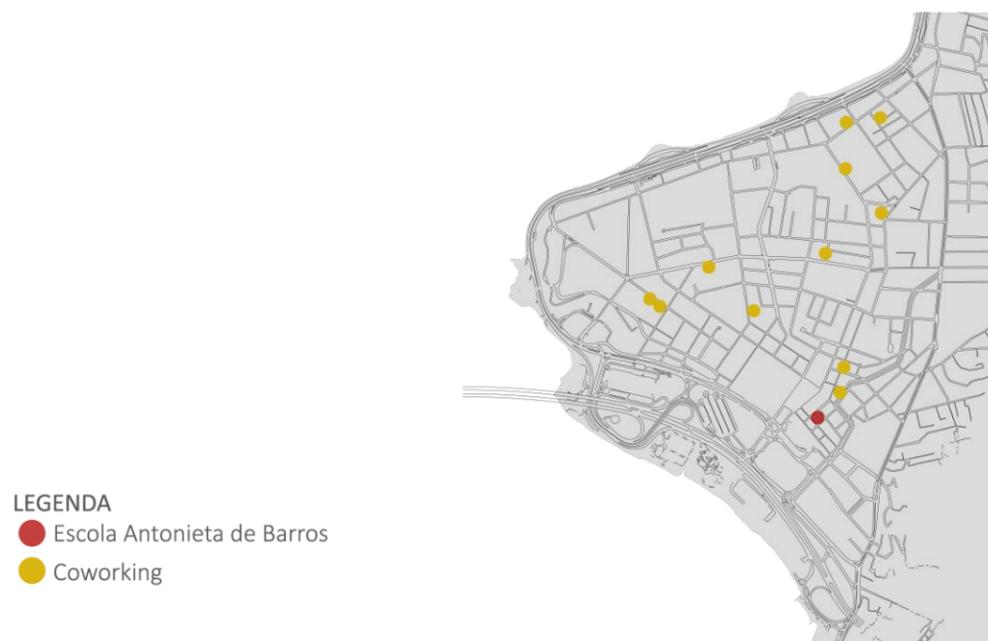


FIGURA 01: Mapeamento de Coworkings no Centro de Florianópolis. Fonte: autoria própria

Considerando um recorte menor da área central, onde a Escola está localizada, é possível perceber que o entorno é bastante denso e consolidado com uma paisagem já definida e que deve ser preservada por compreender o centro fundacional de Florianópolis..



FIGURA 02: Esquema Cheios e Vazios. Fonte: autoria própria

Desta forma, faz-se necessário também pontuar as edificações tombadas na região já que esta está inserida no Conjunto Urbano tombado do Centro Histórico de Florianópolis.



FIGURA 03: Mapeamento de patrimônios na região em estudo. Fonte: autoria própria

A Escola possui proteção municipal e é classificada como um patrimônio nível P2, por se encontrar no entorno de outros patrimônios nível P1, como o Museu da Escola Catarinense. Isso significa que com interesse na manutenção da paisagem do entorno não é possível fazer modificações permanentes apenas na fachada. Contudo, conforme pode ser visto no Parecer Técnico 206-92 do IPUF (presente na página 27 do Anexo 01), é recomendado que mantenham-se as características internas do edifício também. Nos esquemas abaixo é possível identificar o conjunto de bens e a relação da Escola com os patrimônios no entorno imediato.



Utilize o QR Code para ter acesso ao anexo citado

E, complementando a breve análise urbana em relação aos acessos, à edificação está cercada por 07 pontos de ônibus, além de estar próxima do antigo terminal e do terminal central, nos quais é possível encontrar linhas de ônibus para todas as regiões da ilha, além do continente. Além disso, há ciclovias na região, o que garante a maior acessibilidade também. Em relação ao transporte particular, existem algumas ruas na redondeza com o estacionamento rotativo, e ainda, alguns estacionamentos particulares.



- LEGENDA
- ESCOLA ANTONIETA DE BARROS
 - ANTIGO TERMINAL/PONTO DE ÔNIBUS
 - ESTACIONAMENTO PARTICULAR
 - ESTACIONAMENTO ROTATIVO
 - CICLOFAIXA

FIGURA 04: Esquema de acessos em relação à Escola Antonieta de Barros. Fonte: autoria própria

Ainda considerando o recorte em estudo, é feito também um levantamento das edificações com programas semelhantes ao que se pensa para o novo uso da Escola. Para tal são considerados os seguintes serviços: coworkings, cafés, bares e museus, conforme pode ser visto no mapa abaixo.



- LEGENDA
- ESCOLA ANTONIETA DE BARROS
 - MUSEU
 - COWORKING
 - BAR/CAFÉ

FIGURA 05: Mapeamento de pontos de interesse próximos do local de projeto. Fonte: autoria própria

3.2 ESCOLA ANTONIETA DE BARROS

A Escola Antonieta de Barros, como hoje é conhecida, não possui registros oficiais da data de sua construção, porém devido a sua fachada característica modernista e os relatos antigos, conclui-se que foi inaugurada na década de 1940. Quando fundada, era Escola Modelo e era chamada de Colégio Dias Velho.



FIGURA 06: Foto do Colégio Dias Velho - 1940. Fonte: Anexo 01.

Em 1963, o espaço passa a ser nomeado como Grupo Escolar Professora Antonieta de Barros, e logo em seguida se transforma em Escola Básica. A homenagem é decorrente do excelente trabalho que a Professora desempenhou quando foi diretora da escola, além da consideração do papel importante que Antonieta de Barros carrega até hoje, de ter sido a primeira mulher negra eleita como deputada no País. Nesse momento, de acordo com relatos documentais, as atividades educativas contavam com cerca de 380 alunos distribuídos em dois turnos, e, ocorriam exclusivamente no pavimento superior da escola, o mesmo da quadra externa que era compartilhada com a Escola Normal, hoje o MESC (Museu da Escola Catarinense).



FIGURA 07: Foto do Colégio Dias Velho junto a Escola Normal - 1950. Fonte: Anexo 01.

Até 2008 a Escola manteve seu uso original para fins educacionais até que teve suas atividades transferidas para outra sede, e seu fechamento definitivo. Desde então a mesma encontra-se subutilizada e através de acompanhamento fotográfico é possível perceber seu abandono.



FIGURA 08: Foto da Escola Antonieta de Barros - 2000. Fonte: Anexo 01.

FIGURA 09: Foto da Escola Antonieta de Barros - 2016. Fonte: FCC - disponível em <https://bitlybr.com/egqaY>

FIGURA 10: Foto da Escola Antonieta de Barros - 2019. Fonte: nd+ - disponível em <https://bitlybr.com/Mn22KROH>

Até o ano do último registro, 2019, a edificação estava sob domínio da ALESC (Assembleia Legislativa de Santa Catarina) que iniciou alguns projetos de recuperação da estrutura, inclusive o Caderno de Encargos de Restauo, que compreende o Anexo 01. Contudo, nenhum desses projetos saiu do papel. Em dezembro de 2019, o Governo faz a doação do estabelecimento para a UDESC, que já tem posse

do MESC, através de um documento - Anexo 02 - que atesta que a Universidade fica responsável pela reabilitação do espaço, com algumas diretrizes pré definidas, como a proposta de um centro cultural de memória negra. Hoje, 2022, a escola segue abandonada e em contato com os responsáveis, não foi possível visitá-la, além da alegação que ainda existem projetos em andamento apesar da não demonstração disto.

Em análise das modificações arquitetônicas ao longo dos anos, dois momentos são marcantes, ambos acompanhados por registros e destacados no Anexo 01. Uma diz a respeito da inclusão de um mezanino, percebido por uma laje intermediária vista pelas janelas. E a segunda, está relacionada ao aumento da platibanda, entre 1940 e 1990, que de acordo com Weissheimer (2018) provavelmente corresponde a adaptação da laje original, supostamente plana com uma cobertura com baixa inclinação, ao ser trocada por um sistema de cobertura mais eficiente com telhas de fibrocimento e uma inclinação maior, e por isso a necessidade de adequar a altura da platibanda, garantindo a manutenção da linguagem arquitetônica.

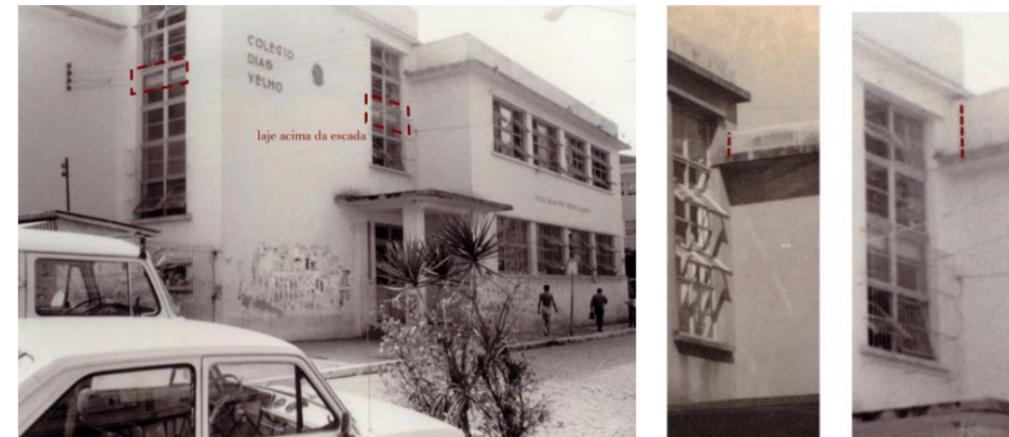


FIGURA 11: Esquema explicitando a laje intermediária. Fonte: Anexo 01.

FIGURA 12: Diferença de platibanda. Fonte: Anexo 01.

Sobre o material de estudo, pouco foi achado, e não há registro do imóvel junto à prefeitura. As poucas plantas que foram encontradas, foram extraídas do site do MESC, e em banco de dados interno dos alunos.

04 INTRODUÇÃO AO PROJETO

4.1 INSTRUMENTOS LEGAIS

Do ponto de vista legal, projetar escritórios e ambientes de trabalho exige o cumprimento de algumas normativas. Inicialmente, faz-se necessário entender que em 1977 foram estipuladas algumas normativas complementares à Consolidação das Leis do Trabalho, a fim de regulamentar e adequar espaços de trabalho para dar melhores condições aos trabalhadores. Essas normas dizem a respeito das várias esferas de atuação, porém para o presente trabalho serão ressaltadas as normativas regulamentadoras 8 e 17. A NR-8 está relacionada às edificações e apesar de algumas instruções, faz bastante referência ao código de obra local, que aqui será considerado o da cidade de Florianópolis. A NR-17 por sua vez é nomeada como norma da ergonomia e apresenta em seu texto indicações para proporcionar ambientes e estações de trabalho mais confortáveis, para consequentemente extrair a melhor produtividade do trabalhador. Dentro disso, é importante destacar os parágrafos 17.3. Mobiliário dos postos de trabalho., 17.4. Equipamentos dos postos de trabalho e 17.5 Condições ambientais de trabalho.

Além dessas, dentro das Normas Técnicas Brasileiras regidas pela ABNT, cabe o destaque, das já referenciadas na legislação trabalhista: a NBR 9050, para garantir acessibilidade para todos em todos os níveis de projeto e as NBR 10152 e NBR 8995-1, relativas aos confortos acústico e lumínico, respectivamente.

INSTRUMENTO LEGAL	CONTEÚDO
NR 08	Edificações de Trabalho
NR 17	Ergonomia no Ambiente de Trabalho
Lei Complementar nº 482	Plano Diretor de Florianópolis
Lei Complementar nº 060	Código de Obras e Edificações de Florianópolis
NBR 9050	Acessibilidade a Edificações, Mobiliário, Espaços e Equipamentos Urbanos
NBR 10152	Níveis de Ruído para Conforto Acústico
NBR 8995-1	Iluminação de Ambientes de Trabalho
NBR 90770	Saídas de Emergência em Edifícios
IN 5 (bombeiros)	Edificações Recentes e Existentes
IN 9 (bombeiros)	Saídas de Emergências
IN 18 (bombeiros)	Controle de Materiais de Revestimento e Acabamento

QUADRO 03: Relação de instrumentos legais. Fonte: autoria própria

4.2 TEORIA DAS CORES

Sabendo da influência que a escolha de cores pode ter sobre um projeto, tanto em relação a imagem que ele transmite quanto as sensações que são provocadas nos ambientes, optou-se por explorar a teoria das cores. A cor é um fenômeno físico que envolve em seu conceito diversas vertentes de análises e que faz total diferença na concepção de um projeto. Primeiramente, antes de explorar as percepções e sensações relacionadas a isto, dentro da arquitetura, é interessante conceituar o fenômeno. A partir do círculo cromático é possível definir as cores primárias e secundárias; frias e quentes. É importante também considerar a escala de cinza, que inclui o preto e o branco.



FIGURA 13: Representação das classificações das cores FONTE: autoria própria

Além disso, através desse também derivam as principais combinações harmônicas que são usadas como base em projetos visuais, sendo as principais as combinações de cores complementares, análogas, tríade e meio-complementar. A combinação complementar é a que envolve cores opostas do círculo, por isso a combinação mais contrastante e que normalmente é usada quando o objetivo é dar destaque para mais de um foco. As cores análogas também podem ser apelidadas de vizinhas e pode ser a junção de duas ou mais cores. Essa combinação, por sua vez, por conter cores com uma mesma base, costuma ser usada em ambientes mais neutros e sofisticados. A tríade corresponde a um triângulo equilátero dentro do círculo, portanto é a escolha de três cores escolhidas a cada três. E a meio-complementar é a escolha de uma cor mais duas vizinhas da sua complementar. As duas últimas combinações citadas, assim como a primeira, também são usadas para criar destaques diferentes e pontuais. Os esquemas abaixo ilustram alguns exemplos dessas combinações:



FIGURA 13: Representação das combinações das cores FONTE: autoria própria

Entender os ambientes de trabalho a partir do uso de cores envolve duas colocações: a primeira no que diz respeito às sensações que as cores causam; e a segunda relacionada à percepção dos espaços a partir das cores. Dessa forma, o uso de cores em um ambiente vai muito além da composição, e atravessa o plano dos objetivos do mesmo.

Inicialmente, falando das sensações, a análise de cores é complexa pois envolve sensações sinestésicas que o fenômeno pode causar, uma vez que o conteúdo visual das cores pode ser compreendido e correlacionado com outros sentidos e, até, emoções individuais. A partir disso, o uso de cores dentro da arquitetura pode funcionar para tornar os ambientes mais agradáveis e contribuir para situações mais nocivas, como amenizar tarefas mais árduas. Dessa forma, as cores em ambientes de trabalho interferem no modo de agir dos trabalhadores e conseqüentemente podem alterar produtividade e relações de bem-estar. De maneira geral, pode-se dizer que as cores quentes são mais ativas e promovem mais dinamismo nos ambientes. Já as cores frias estão relacionadas a calma e serenidade, provocando ambientes ideias de descanso e estar.

No quadro resumo abaixo é possível identificar potenciais e falhas do uso das principais cores.

COR	QUANT. IDEAL	QUANT. EXCESSIVA	APLICAÇÃO IDEAL
AMARELO	alegria, vivacidade e sugere proximidade	monotonia e cansaço	com objetivo de comunicar e concentrar
AZUL	pureza, tranquilidade, integridade e calma	frieza	com objetivo de acalmar e reter memória de trabalho
LARANJA	segurança, ação, vitalidade e força	ansiedade e nervosismo	com objetivo de estimular produtividade e criatividade
VERDE	calma, equilíbrio e bem-estar	depressão	com objetivo de concentrar e tranquilizar
VERMELHO	calor, energia e dinamismo	violência e agressão	com objetivo de estimular e dinamizar
ROXO	espiritualidade e criatividade	desestimula e estressa	com objetivo de comunicar e estimular criatividade

QUADRO 04: Resumo das cores. Fonte: autoria própria

As cores neutras, branco e preto, também devem ser consideradas por contribuírem na composição dos ambientes. O branco representa limpeza, simplicidade e paz e garante aos espaços amplitude e boa resposta a incidência e reflexão de luz. Deve receber atenção especial pois apesar de ser uma cor base de projetos, pode ser uma cor irritadiça pela monotonia. O preto, por sua vez, é uma cor mais imponente, e que em excesso pode ocasionar um ambiente desagradável. Normalmente é usado para dar destaque a alguns detalhes e equilibrar composições cromáticas. Além disso, também pode ser usado com sua propriedade física de absorção de luz e energia, para aquecer ambientes mais frios.

Do ponto de vista da percepção dos espaços, a cor tem papel fundamental também: pode gerar transformações visuais estéticas e funcionais. Cores mais claras conseguem promover ambientes maiores; cores escuras provocam percepção de proximidade. Cores quentes tendem a aumentar e aproximar os objetos enquanto as frias diminuem e afastam os mesmos, contudo, em relação à dimensão de espaços acontece o contrário e as cores quentes provocam impressão de ambientes menores e as cores frias os aumentam.

PADRÃO	EFEITO
	O ambiente inteiro com cores claras é neutro e possui amplitude
	O ambiente inteiro com cores escuras é mais acolhedor pois visualmente compacta o ambiente
	Prolongar as linhas horizontais com cores mais escuras que o teto pode promover a sensação de um ambiente mais longo
	Escurecer a parede do fundo tende a aproximar a mesma e diminuir a profundidade do ambiente
	A cor escura como estratégia de aproximação também garante a ilusão de um pé direito mais baixo
	A cor clara, usada para dar amplitude, também pode proporcionar a sensação de um pé direito mais alto
	Usar a cor mais forte em paredes opostas as aproxima, estreitando o ambiente
	Escurecer a parede do fundo tende a aproximar a mesma e diminuir a profundidade do ambiente

QUADRO 05: Resumo com diagrama de efeitos das cores em ambientes internos. Fonte: autoria própria

Além das considerações em relação à percepção e sensação, também é válido destacar pontos que influenciam na escolha de cores em um projeto. Cada caso é um caso, e fatores como idade e cultura do público alvo do projeto devem ser considerados. A iluminação faz parte de um casamento perfeito com o fenômeno das cores, e interfere na percepção e sensação que ela provoca. De maneira geral em relação aos usos: cores contrastantes tendem a gerar fadiga. É interessante dividir ambientes por cores, relacionando a memória de atividade com a percepção dos espaços; ambientes de pequena permanência se relacionam bem com cores intensas pois os torna mais atrativos. E por último, mas não menos importante, o uso das cores tem capacidade de transformar completamente um ambiente, de maneira bastante prática e econômica.

4.3 PROJETO CORPORATIVO

Andrade (2013) apresenta depois de análise de composição de uma empresa, o passo a passo padrão para a elaboração de um projeto corporativo ideal, sempre ressaltando a necessidade de considerar a particularidade de cada um. O roteiro consiste em estabelecer um programa de necessidades (1), desenvolver um programa de ambientes (2) e então, organizar um zoneamento do espaço completo (3). Para o programa de necessidades faz-se necessário considerar as relações interpessoais que podem acontecer nesse espaço e as necessidades imediatas de cada área e entender as dinâmicas que ocorrerão. A partir disso, surge o programa de ambientes que dentro da perspectiva de escritórios é dividido entre área de descompressão, sala de reuniões, áreas técnicas, como estações de impressão ou armazenagem de materiais individuais e coletivos, e as salas de trabalho. Para essa etapa é importante considerar os tipos e a distribuição das estações de trabalho nesses ambientes também, uma vez que são o principal mobiliário de uso e com mais presença na composição do mesmo. Andrade (2013) divide estas em abertas de curta duração (bancadas compartilhadas), abertas de longa duração (estações de trabalho convencionais) e as focus rooms, que são cabines individuais. Então, o zoneamento do todo é organizado, de maneira a alocar adequadamente as áreas levantadas no programa de ambientes e criar fluxos que favoreçam as relações destacadas no programa de necessidades.

“Assim, a área social composta pela recepção, estar, integração e áreas de escaninhos será posicionada em local próximo à entrada. Em seguida, vêm as salas de reuniões formais e informais; adjacentes a elas, devem ser posicionadas as estações abertas de curta duração e as fechadas e daí as estações abertas de longa duração para ficarem mais protegidas, As áreas destinadas ao armazenamento e pools de impressão podem ficar posicionadas numa área de transição entre o espaço de reuniões e o de trabalho, servindo às duas áreas. Quanto à área de apoio ao negócio, será alocada de acordo com as necessidades específicas de cada uma.” (ANDRADE, 2013, p.47)

Nesse modelo ideal, as funções se organizam de maneira favorável dentro do espaço permitindo interação entre os setores e foco nos momentos de produtividade também.

05 O PROJETO

5.1 CONCEITO E PROGRAMA DE NECESSIDADES

Ao pesquisar sobre o funcionamento de coworkings, foi encontrada a Archademy, que servirá como modelo para determinação do conceito do projeto. Esta consiste em uma plataforma aceleradora para Arquitetos e Designers, que funciona de maneira online e presencial com objetivo de impulsionar novos escritórios e gerar uma rede de conexões para relacionamentos e oportunidades dentro da área. A maior atuação da empresa é virtual e ocorre através da criação de uma comunidade entre profissionais que desejam os serviços, os profissionais que ministram cursos e mentorias e fornecedores de produtos da área, que dentro desse sistema favorece uma troca de conteúdo conectado à área de atuação dos arquitetos. Contudo, a aceleradora também possui três sedes físicas, duas em São Paulo e uma em Curitiba, que reafirmam os objetivos virtuais, garantindo eventos e networking presenciais, além de fornecer um espaço de coworking para os novos escritórios.

Em visita a uma das sedes em São Paulo, foi possível perceber que mais do que o espaço de trabalho para os escritórios que ainda não possuem infraestrutura própria, o local é ponto de encontro e possui alto potencial para gerar boas conexões favorecendo também no retorno ao trabalho pós pandemia, uma vez que garante flexibilidade de ocupação, em relação a tempo e espaço, além de ter ambientes favoráveis a eventos com pessoas da área porém de fora da aceleradora.

Outro ponto determinante para a concepção do conceito diz respeito às novas formas de trabalho que têm sido aplicadas nos últimos anos: o modelo de escritório virtual já era esperado com os avanços da tecnologia, mas esse se concretiza de fato com a passagem da pandemia. Uma pesquisa feita pela IDC Brasil, com orientação da Google Workspace, teve o objetivo de entender as transformações no mundo corporativo e qual tende a ser o futuro do mesmo e teve como principal resultado que 43% dos entrevistados já consideram o modelo híbrido como o modelo padrão de trabalho além de considerarem este um modelo confortável. Ademais, a pesquisa também aponta que a maior falta no trabalho home office é o momento do café com os colegas de trabalho, atestando a necessidade de espaços de encontro e de troca dentro do ambiente de trabalho.

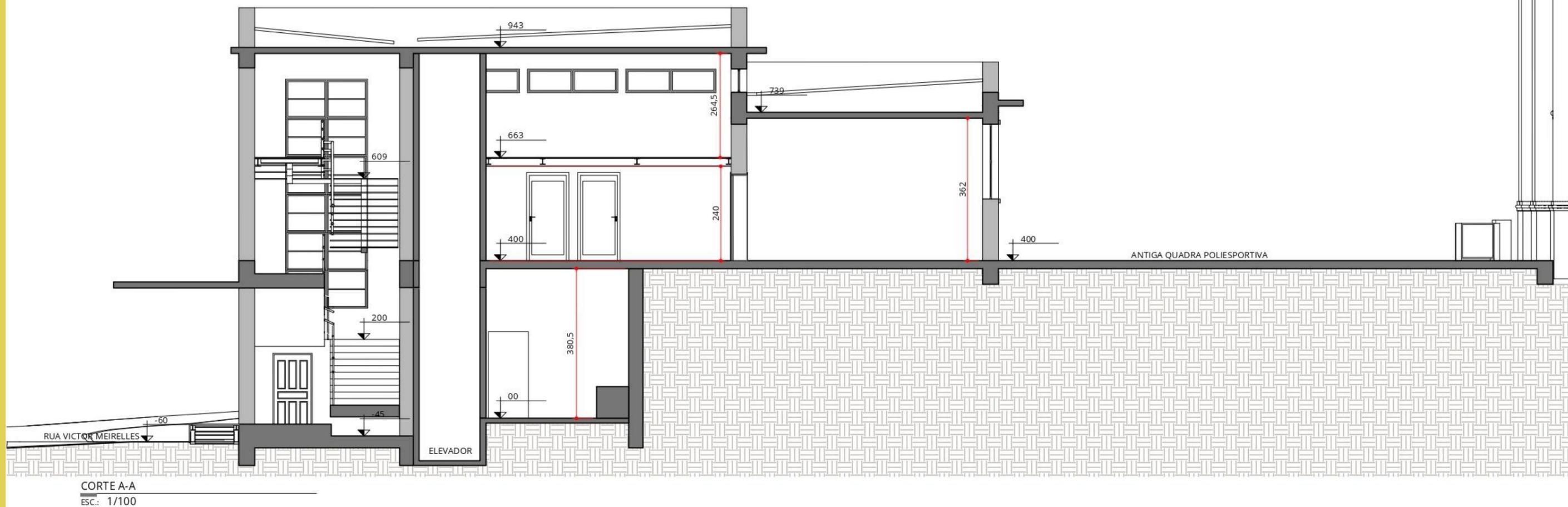
A partir dos pontos expostos então, o novo uso da Escola passa a estar relacionado a um grande ponto de encontro para arquitetos e designers considerando a nova forma de trabalho - escritório virtual - garantindo flexibilidade de usos e horários, e ainda, um local de fortalecimento de redes e trocas dentro no nicho profissional. Dessa forma, estarão incluídos no programa: espaço de coworking com suporte necessário para a área, incluindo mapoteca e área de impressão; salas de reunião e multiuso, que possam ser usadas para cursos ou apresentação de projetos; espaços de descompressão e de encontros, que fomentem trocas e networking entre os profissionais, além do momento de descanso durante o trabalho; cabines individuais, que garantam privacidade para os reuniões online; um café, aberto ao público; e ainda, o espaço expositivo destinado a memória negra indicado pela último documento de doação da Escola a UDESC.

Além disso, encontra-se um terreno anexado à Escola, que quando em atividade servia como quadra poliesportiva de recreação. Essa, juntamente ao projeto interior também passará por intervenção, funcionando não apenas como espaço de chegada principal para o coworking, mas também como uma praça de livre apropriação pelo público que frequenta a região, como local de permanência e até mesmo de manifestação artística e cultural.

PAVIMENTO	AMBIENTE	ÁREA (m ²)
TÉRREO		
	administração	26,18
	área de impressão	19,49
	banheiro	24,21
	cabines individuais	4,56
	circulação	24,67
	depósito	4,97
	descompressão	78,08
	mapoteca	22,71
	maquetaria	21,80
	salas compartilhadas	73,90
PRIMEIRO PAVIMENTO		
	banheiros	35,88
	circulação	29,19
	descompressão	47,99
	escritórios privativos	95,76
	espaço expositivo	124,44
	recepção	33,52
	sala compartilhada	48,52
	sala multiuso	48,48
	salas reuniões	41,25
MEZANINO		
	café	40,49
	circulação	29,27
ÁREA TOTAL		875,36



FIGURA 15: Perspectiva aérea da implantação. Fonte: autoria própria.



Com o objetivo de adequar os acessos à edificação, primeiramente, é proposta uma rampa junto à fachada sudoeste, na Rua Victor Meirelles. Essa tem 5% de inclinação, atendendo a NB9050, e será feita em estrutura metálica e fechamento de painel wall. Essa compreende a maior interferência nas fachadas, já que a edificação deve ser repintada conforme cor original, amarela. Ainda nessa rua, propõe-se que os muros laterais sejam abertos para garantir circulação entre os arrimos existentes.



Já no acesso pela nova praça, elimina-se o acesso de carros, já que é considerada uma vaga de emergência na esquina das ruas Victor Meirelles e Saldanha Marinho, e reformula-se a escada, de maneira a tornar o espaço mais convidativo para aqueles que irão frequentar o coworking, assim como para os transeuntes locais. É incluída também, uma plataforma elevatória anexa a escada, com objetivo de garantir a acessibilidade, e ainda atestar a nova entrada principal da edificação que é feita pela praça.



FIGURA 17: Chegada à Praça via Rua Victor Meirelles em direção ao MESC. Fonte: autoria própria

FIGURA 18: Chegada à Praça via MESC em direção a Rua Victor Meirelles. Fonte: autoria própria.

FIGURA 19: Vista frontal da Praça. Fonte: autoria própria.

A praça por sua vez recebe um novo desenho de piso, feito com fulget drenante, e uma área de grama, além de instalações redondas, que funcionam ora como bancos e ora como canteiros, e a disposição de bicicletários e lixeiras.



FIGURAS 20,21,22 E 23: Perspectivas da Praça. Fonte: autoria própria.

O desenho do piso é norteado por linhas com origens diversas que em algum momento convergem a um mesmo ponto, fundamentando o conceito dos encontros que projeto pretende estabelecer, dessa forma, esse mesmo desenho se repetirá no interior como identidade visual do Coworking Antonieta de Barros.

5.3 MODIFICAÇÕES ESTRUTURAIS

O ponto de partida para a proposta de reforma foi entender a natureza do edifício e qual o estado atual do mesmo diante do tempo que se encontra fechado e abandonado. Para tal, foi considerado o Diagnóstico do Estado de Conservação, elaborado pela Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina em 2018 (Anexo 01 que pode ser acessado pelo QR code).



Além disso, optou-se por seguir a recomendação do Decreto de Tombamento, para manter a configuração e as características internas da Escola, com objetivo de preservação de sua identidade original. Neste tópico é válido destacar que são propostas algumas mudanças de locação de aberturas e novas paredes, para atingir um melhor aproveitamento do que é existente diante do novo uso aplicado - coworking - porém isso é feito sem que se percam as proporções originais de divisão do espaço. A proposta de paredes removidas é fundamentada a partir da informação que a Escola

possui estrutura em concreto armado e fechamento em tijolos, contida no material de estudo, e que esta seria possível diante de uma breve análise da possível locação de pilares. As novas paredes serão em drywall com tratamento acústico com lã mineral por serem leves e de fácil execução, além de terem um bom desempenho termoacústico.

Com objetivo de tornar o prédio completamente acessível, é proposto um elevador com paradas no térreo, no primeiro pavimento e no novo mezanino, que será apresentado adiante. Para essa intervenção deve-se considerar o reforço metálico para abertura das lajes existentes.

A laje existente para o segundo pavimento será demolida pois não atende às recomendações de pé direito mínimo, estabelecido pelo Código de Obras de Florianópolis, e foi construída depois da inauguração da Escola, dessa forma não descaracteriza a edificação tombada. A partir do pressuposto que esta laje foi apoiada na estrutura pós construção, admite-se que seria possível instalar, então, um novo mezanino, atendendo as alturas mínimas no mesmo local e com ampliação para o pátio interno. O novo mezanino, que abriga um café, tem estrutura metálica com fechamento em painel wall, assim como a nova escada que dará acesso ao mesmo. As vigas transversais serão chumbadas na estrutura existente com auxílio de chapas metálicas e parafusos chumbadores, e os vigotes intermediários devem ser presos a essas com auxílio de parafusos.

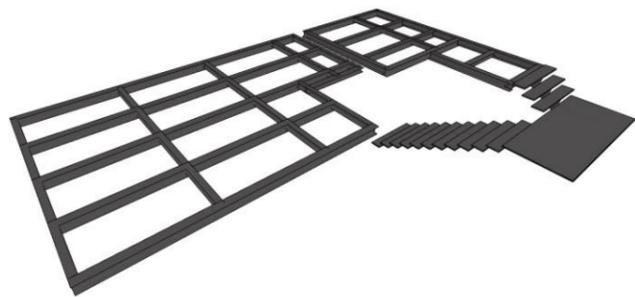


FIGURA 24: Perspectiva da estrutura do novo mezanino. Fonte: autoria própria

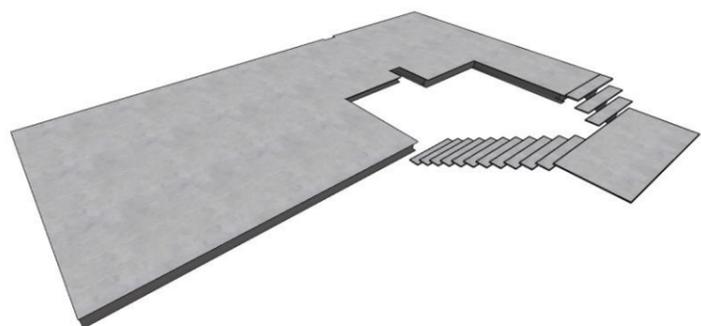
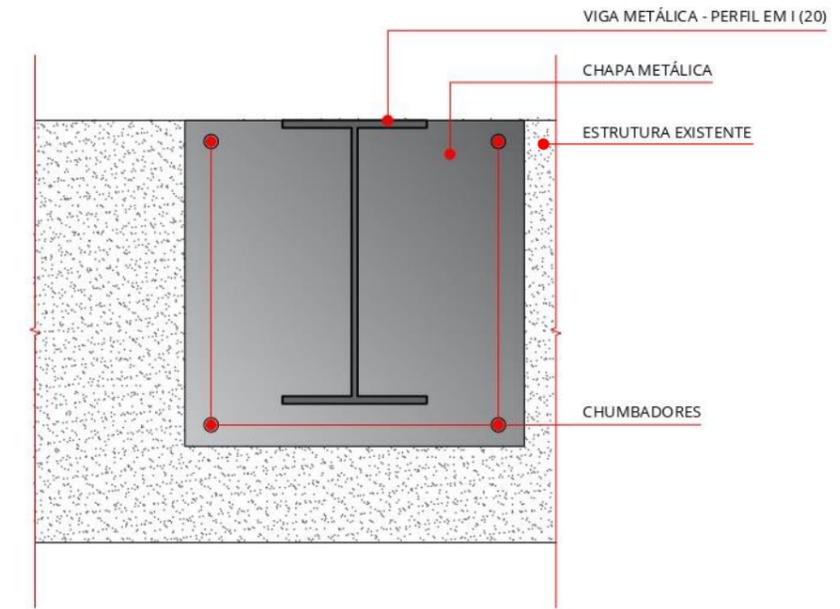
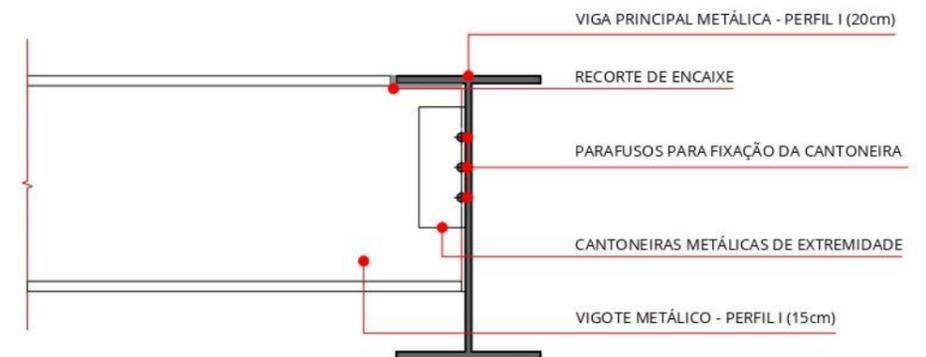


FIGURA 25: Perspectiva da estrutura do novo mezanino com fechamento em painel wall. Fonte: autoria própria



DETALHE 01: Ligação entre nova estrutura metálica e estrutura existente – sem escala. Fonte: autoria própria



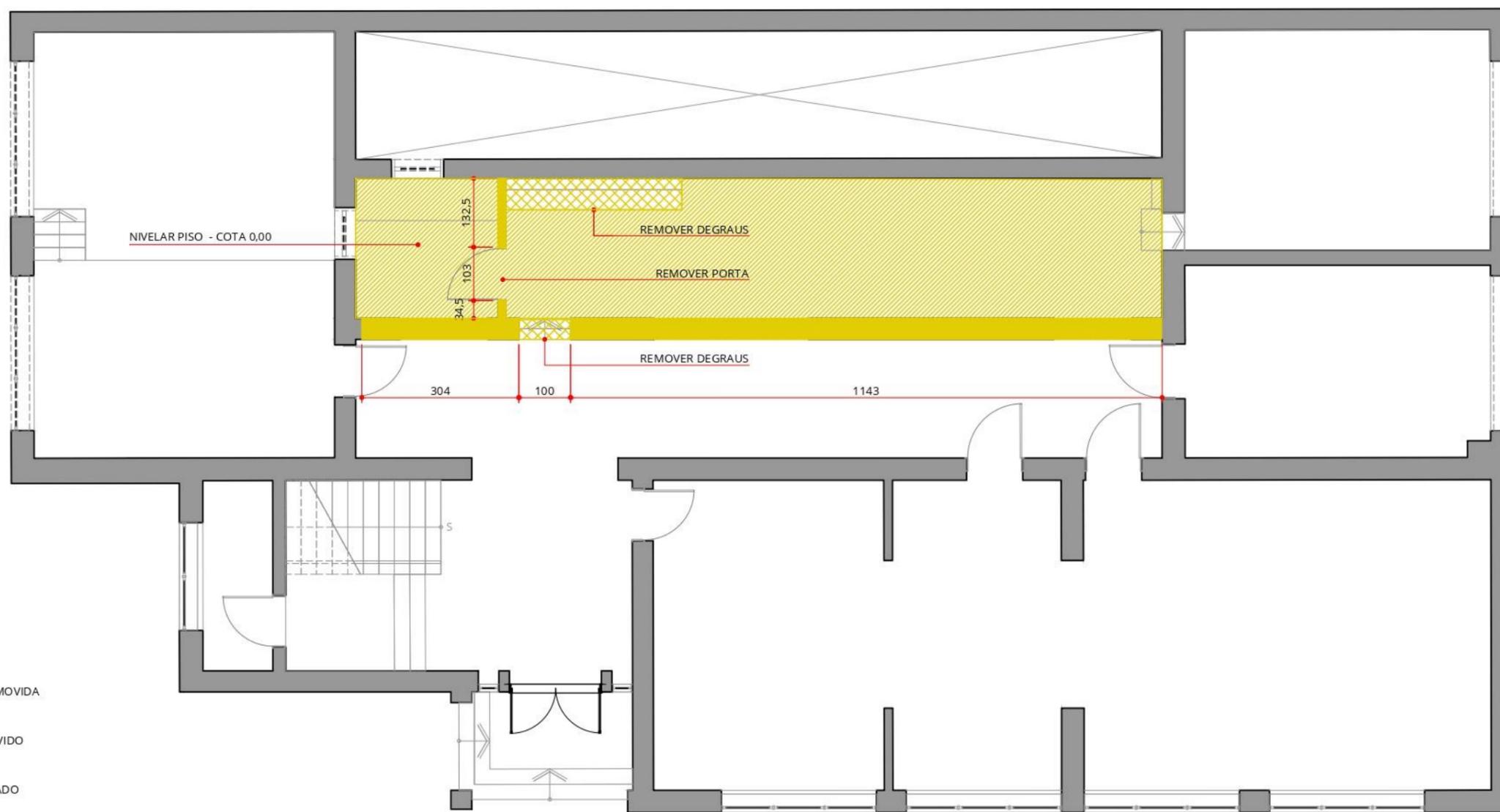
DETALHE 02: Ligação vigas e vigotes – sem escala. Fonte: autoria própria

Os pisos, em assoalho de madeira e ladrilho hidráulico liso e quadriculado, são bastante marcantes e apresentam no geral uma boa condição, por isso optou-se por mantê-los em sua maioria. Além disso, o piso de madeira é um aliado acústico para o novo uso de coworking. Todos os pisos devem ser restaurados e apenas o banheiro do térreo e as salas de administração, mapoteca e maquetaria terão mudanças já que o ladrilho hidráulico quadriculado está mais comprometido e possui um padrão mais difícil de reposição. Dessa forma, o banheiro receberá ladrilho hidráulico liso igual ou semelhante ao que existe nos outros ambientes e as demais salas receberão piso vinílico, que possui fácil instalação e manutenção, com padrão semelhante aos pisos de madeira existentes.

Atualmente a Escola possui forro de madeira, apenas nas salas periféricas do térreo e este encontra-se comprometido e será substituído por forro de gesso, na mesma, para um melhor tratamento acústico e por ter baixa manutenção. Haverá diminuição do pé direito apenas nas cabines individuais, para garantir um ambiente mais aconchegante, já que a área das salas é reduzida. Nos banheiros a proposta de instalação do forro de gesso visa possibilitar a passagem do sistema de ventilação mecânica das cabines que não possuem abertura até as janelas mais próximas, como já acontece nos banheiros do primeiro pavimento atualmente.

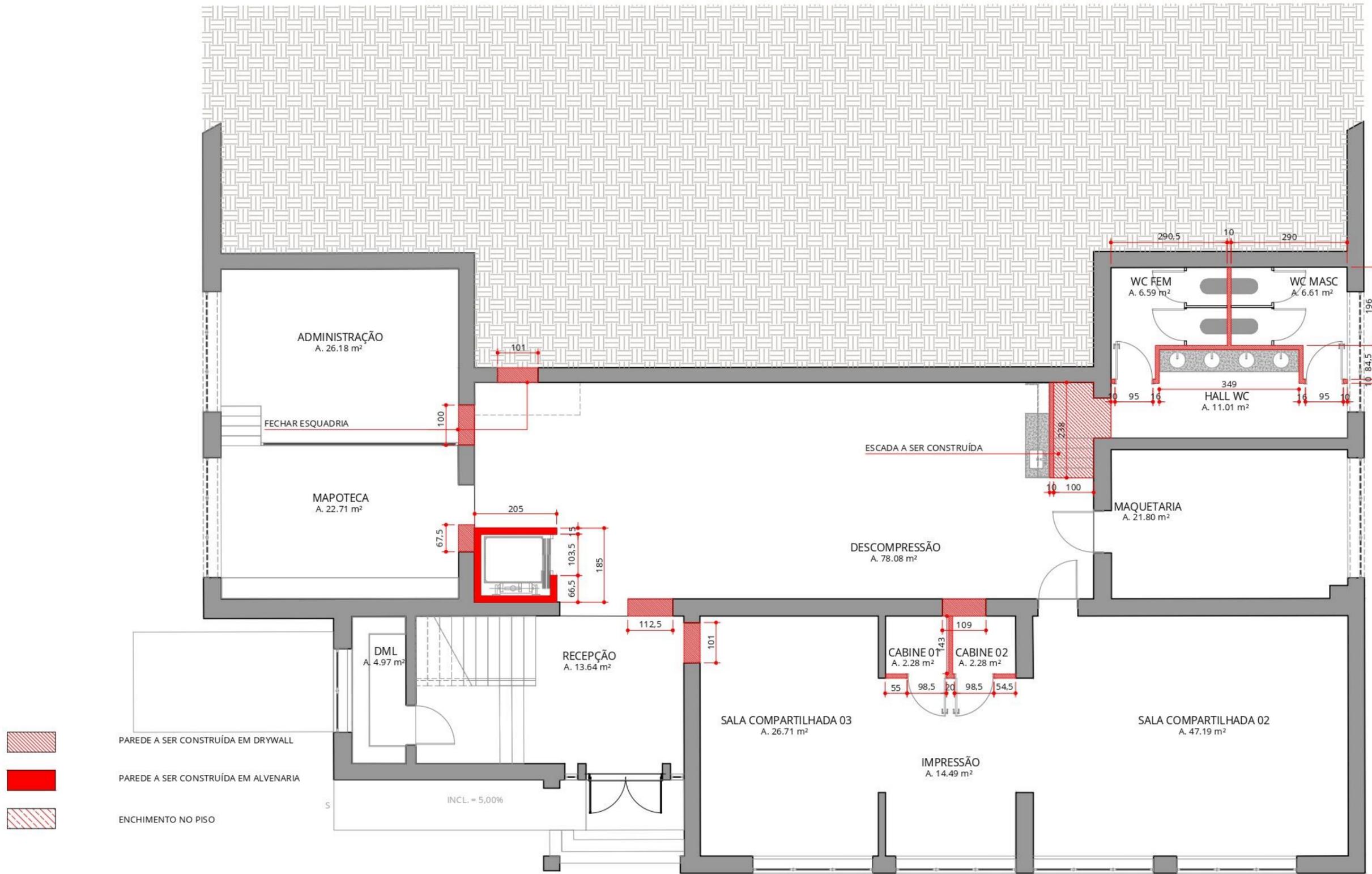
As esquadrias de janela devem ser restauradas e pintadas, de cinza chumbo, e as portas, quando mantidas, devem ser restauradas e pintadas, de verde escuro, conforme padrão original. As novas portas, completamente de madeira, devem seguir o mesmo padrão de cor e desenho das antigas, enquanto as portas de vidro terão moldura em alumínio pintado com mesma cor das demais portas, e vidro 10mm incolor com aplicação de adesivo conforme identidade visual do coworking.

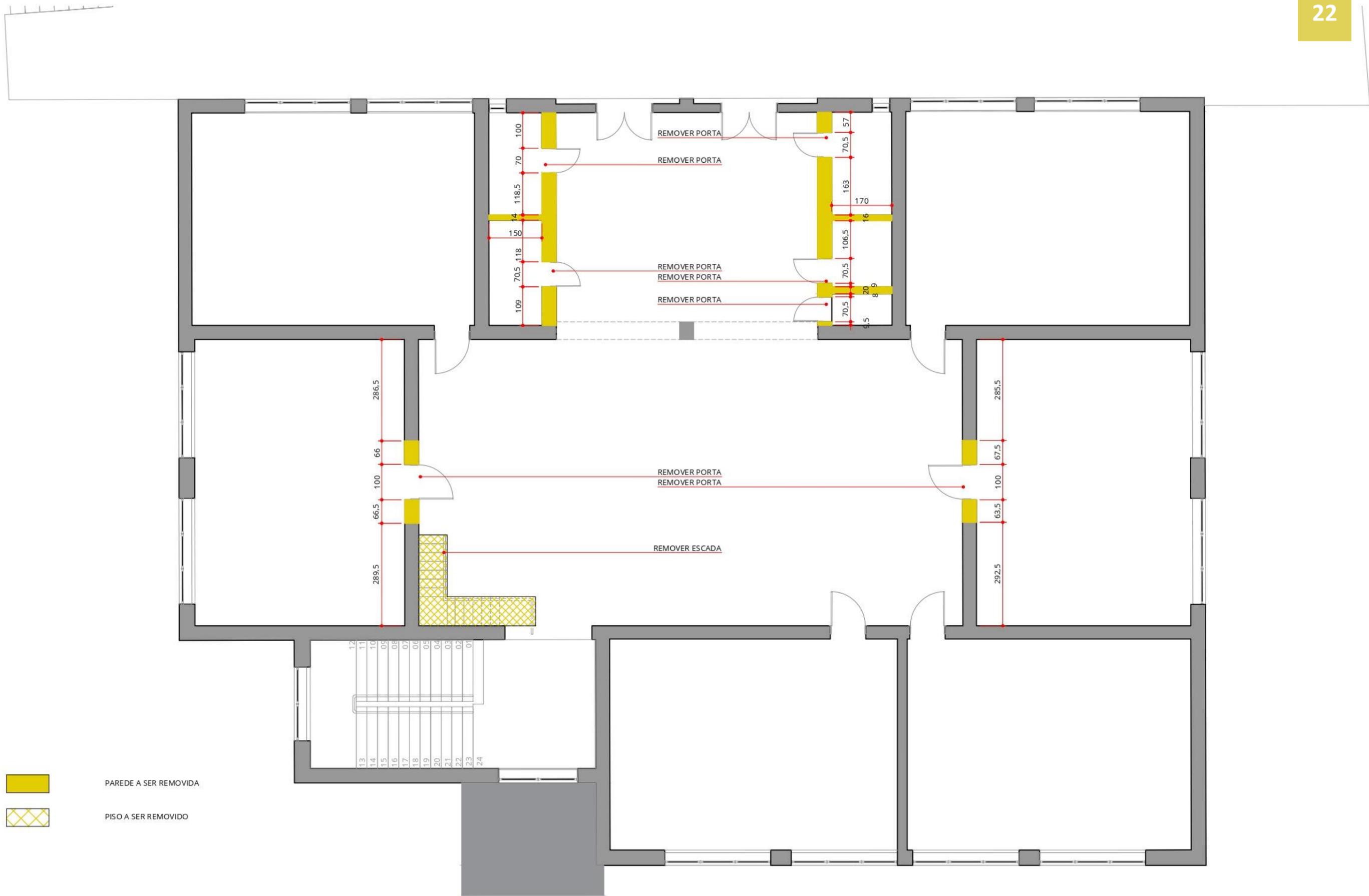
Os projetos complementares devem seguir as propostas apresentadas no Diagnóstico do Anexo 01, e suas adaptações e novas instalações, principalmente as elétricas devem ser feitas de maneira aparente.



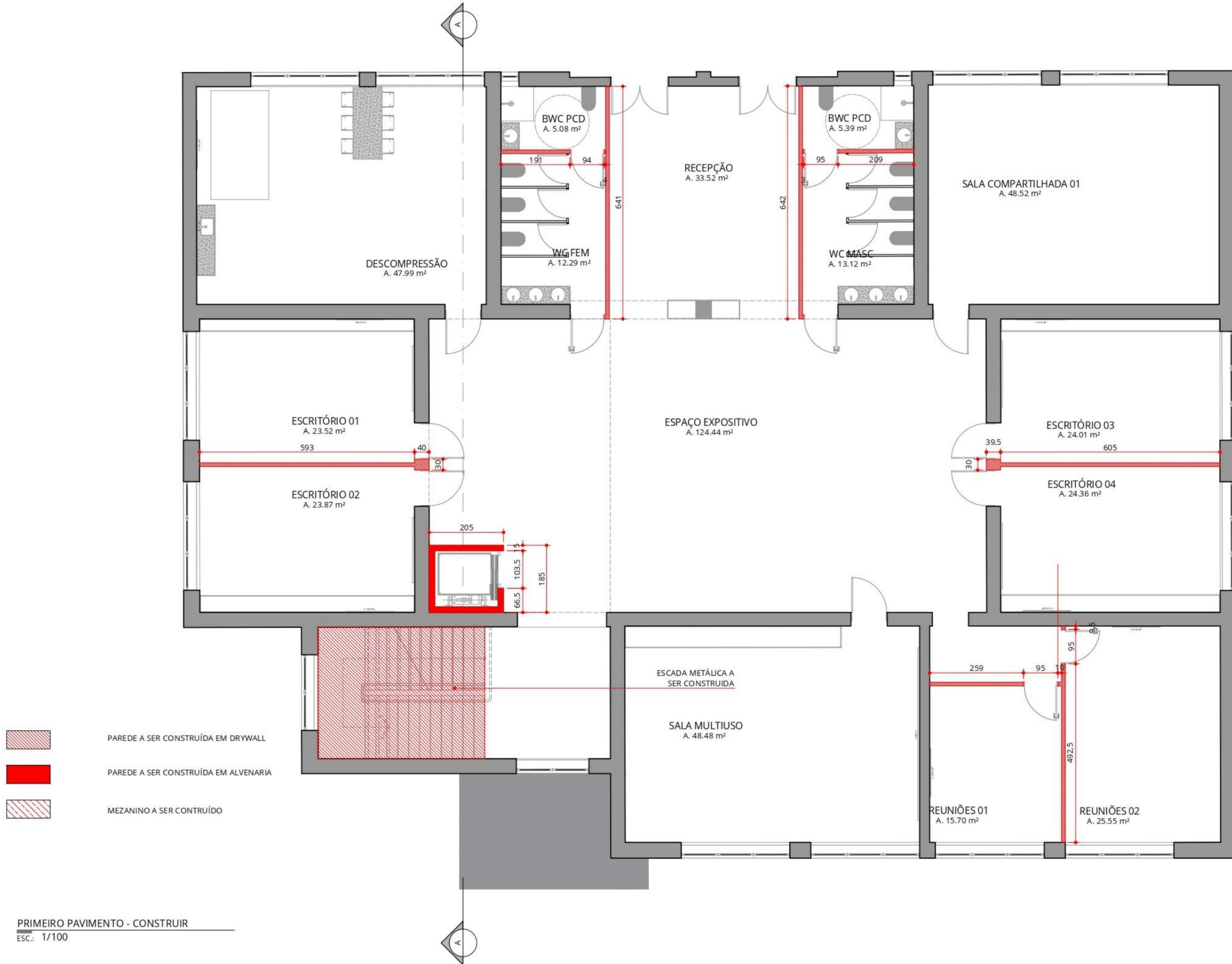
-  PAREDE A SER REMOVIDA
-  PISO A SER REMOVIDO
-  PISO A SER NIVELADO

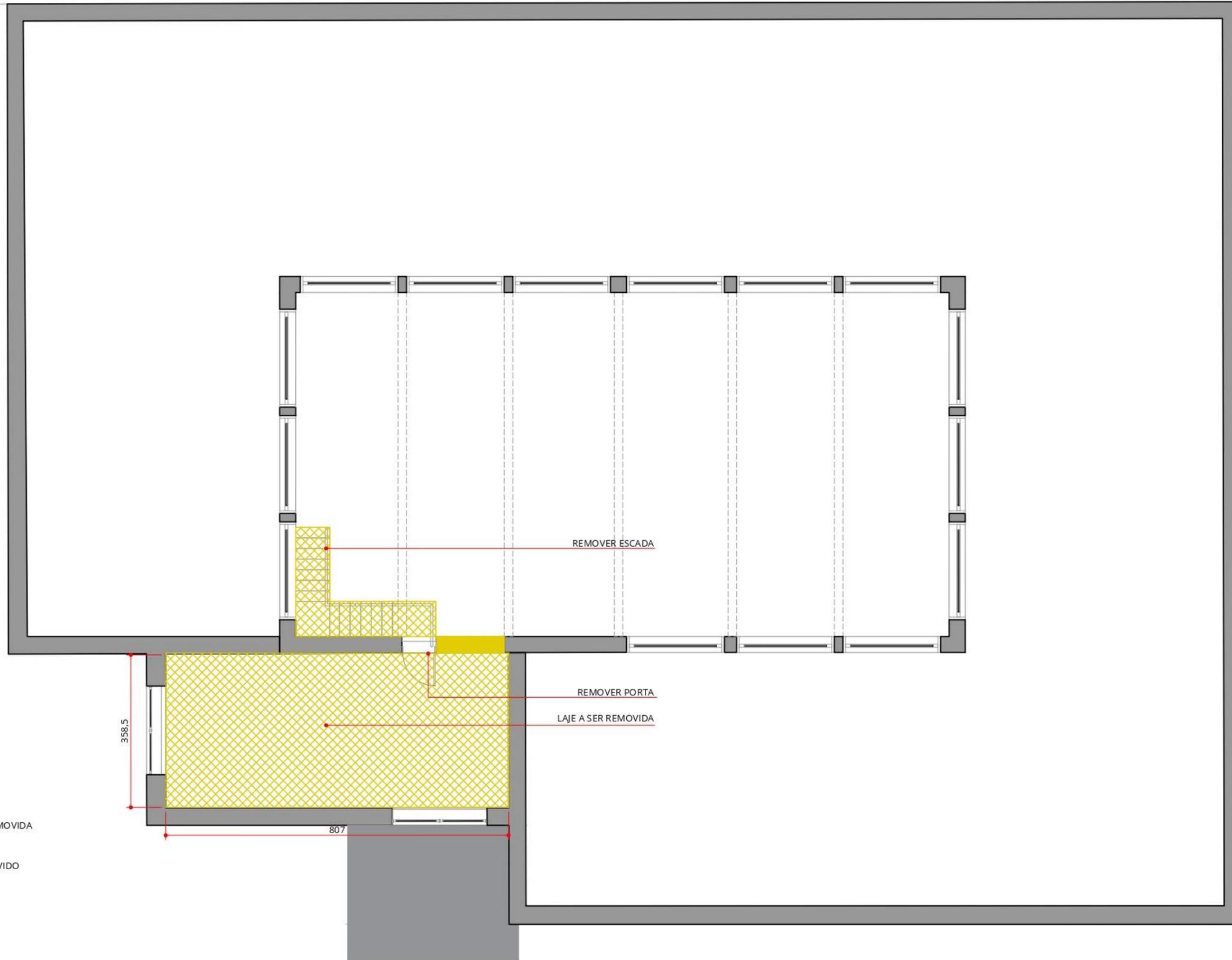
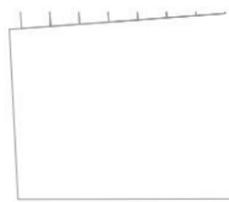
PAVIMENTO TÉRREO - DEMOLIR
ESC.: 1/100



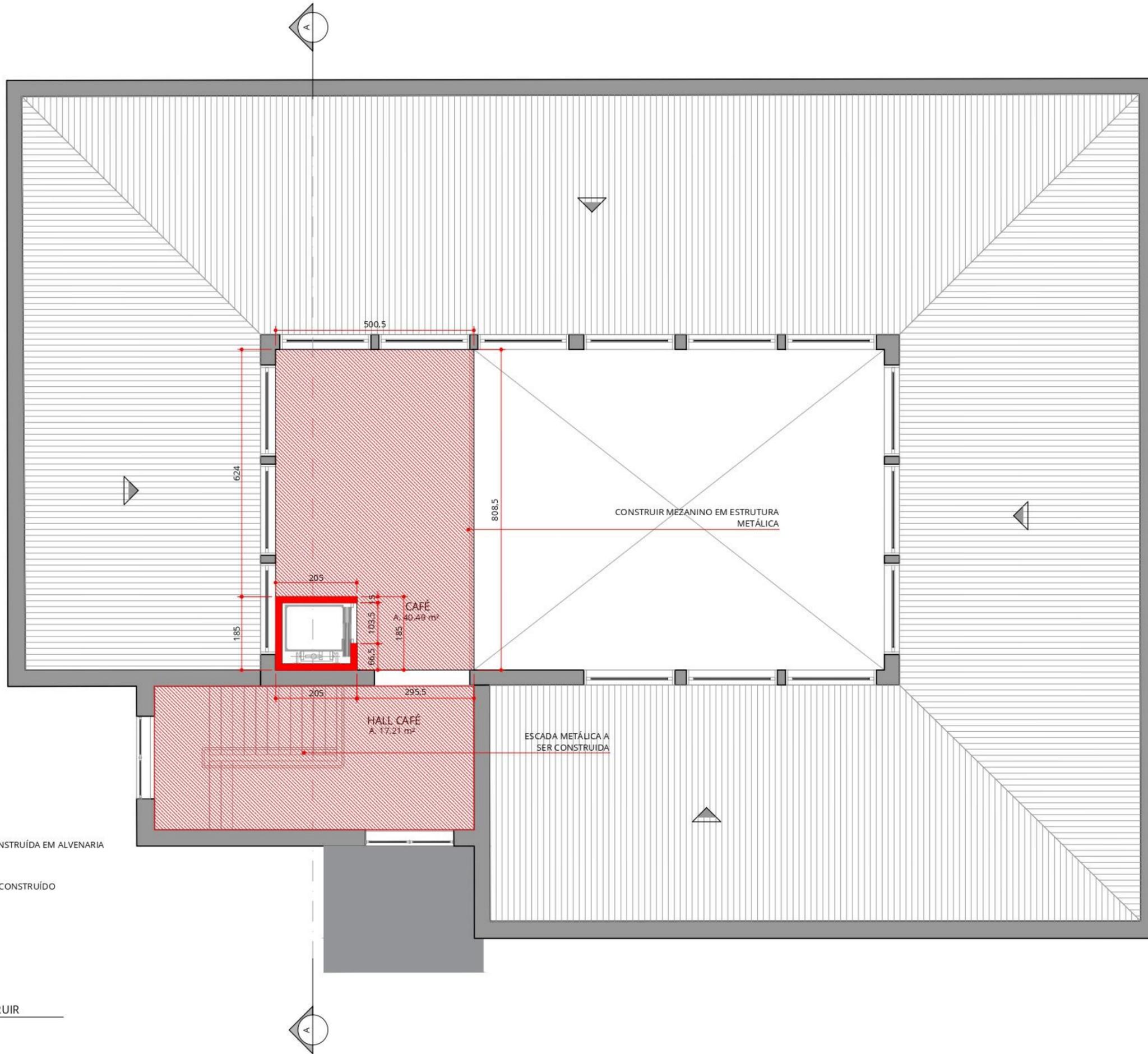


PRIMEIRO PAVIMENTO - DEMOLIR
ESC.: 1/100





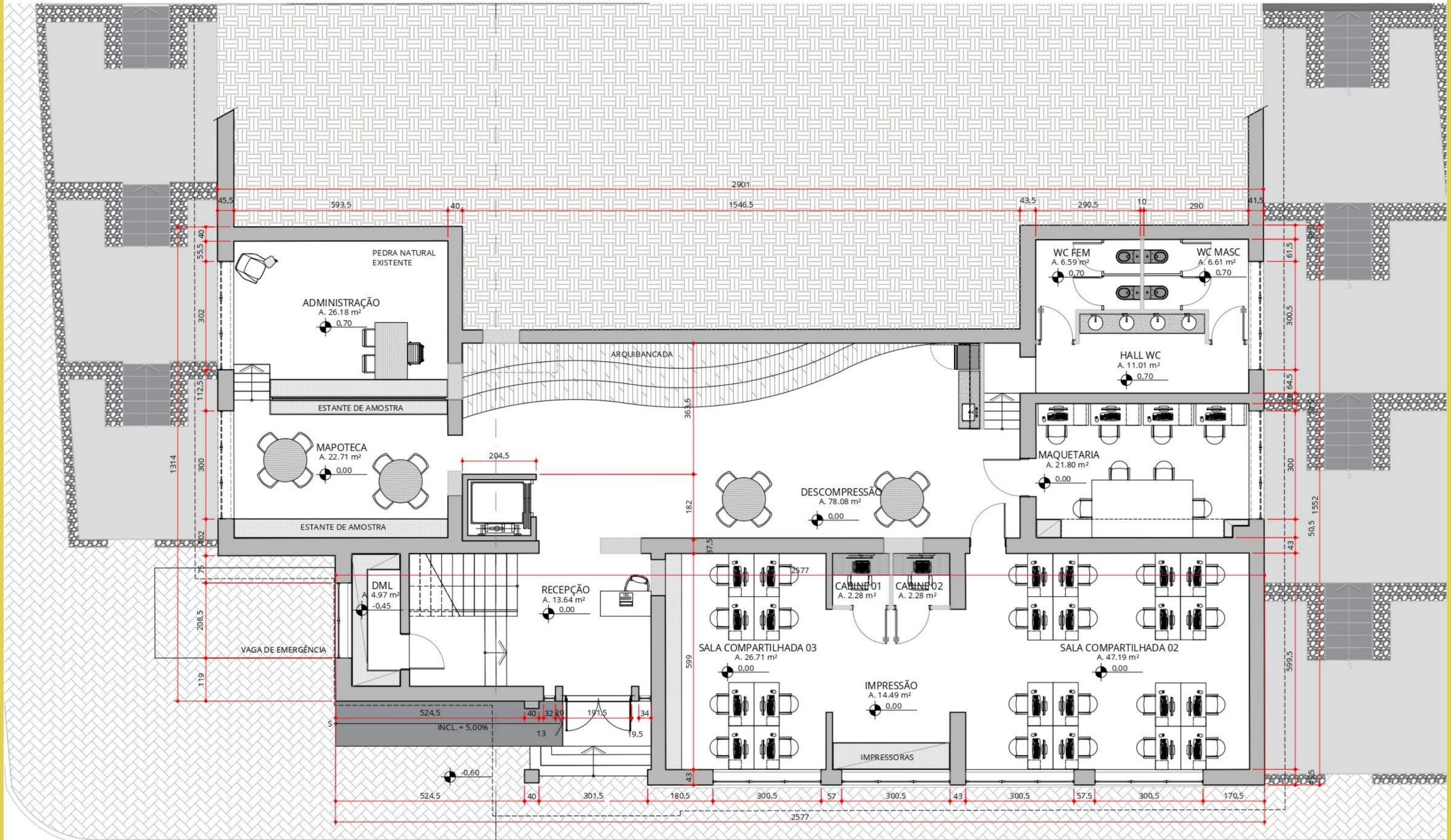
-  PAREDE A SER REMOVIDA
-  PISO A SER REMOVIDO



-  PAREDE A SER CONSTRUÍDA EM ALVENARIA
-  MEZANINO A SER CONSTRUÍDO

PAVIMENTO MEZANINO - CONSTRUIR
ESC.: 1/100

5.4 ANTEPROJETO DE INTERIORES



PLANTA BAIXA TÉRREO - RUA VICTOR MEIRELLES
 ESC.: 1/100

RUA VICTOR MEIRELLES



FIGURA 26: Planta humanizada térreo. Fonte: autoria própria

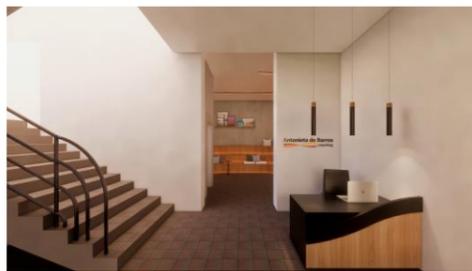


FIGURA 27: Perspectiva recepção. Fonte: autoria própria

A partir do pressuposto que a entrada principal será feita pelo primeiro pavimento, a recepção do térreo é reduzida em tamanho, mas apresenta a materialidade do projeto e cria um hall com controle de acesso.



FIGURA 28: Perspectiva DML. Fonte: autoria própria

No depósito, pensou-se um ambiente prático, com armários para armazenagem de produtos e materiais, e a manutenção do piso original com ladrilho hidráulico.



FIGURAS 29 e 30: Perspectivas mapoteca. Fonte: autoria própria

A mapoteca conforma um ambiente onde fornecedores podem expor seus produtos, além de ter mesas para reuniões mais informais ou com clientes para escolha de acabamentos.

A divisão com a sala da administração é feita com esquadria de vidro, tornando o ambiente mais amplo.



FIGURAS 31 e 32: Perspectivas administração. Fonte: autoria própria

Na sala da administração foi observada a existência de uma rocha natural, conforme imagem na página 173 do Anexo 01. A proposta então é que seja feito um tratamento na mesma com resina e que ela seja integrada ao ambiente.



FIGURAS 33 e 34: Perspectivas desconpressão. Fonte: autoria própria

Considerando um platô, visto na páginas 154 e 155 do Anexo 01, é feita uma arquibancada seguida as linhas curvas do conceito de desenho do projeto, como forma de integrar toda a sala. A escolha da madeira nesse elemento garante o aconchego necessário para o intervalo do trabalho. Além disso, é proposta uma pequena copa é locada próxima aos banheiros onde já existe a infraestrutura necessária.



FIGURAS 35, 36 e 37: Perspectivas WCs. Fonte: autoria própria

O espaço que antigamente abrigava uma cozinha, agora receberá um banheiro, aproveitando a locação de infraestrutura. O conceito desse banheiro é o mesmo em toda a edificação, e se repete no pavimento superior com a diferença que nesse caso, as cubas são comuns no corredor.



Pensada para agradar todos os tipos de profissionais, a maquetaria oferece suporte para os tradicionais e para os modernos: computadores, óculos de realidade virtual e impressora 3D de um lado, e do outro, uma mesa ampla e armários para materiais.

Nesse ambiente é usada uma composição cromática análoga com objetivo de proporcionar um ambiente mais neutro, e a escolha dos tons entre amarelo e laranja, visa estimular a comunicação e a criatividade. Esse padrão será repetido nas demais salas de trabalho.



FIGURAS 38 e 39: Perspectivas maquetaria. Fonte: autoria própria



A sala compartilhada 02 recebe o padrão de pintura da maquetaria para estimular um ambiente produtivo. O conforto nesta sala é trabalhado com telas solares nas janelas, que auxiliam no controle da entrada de luz e calor, com o piso de madeira que tem bom desempenho acústico e para aproximar as luzes na área de trabalho, uma estrutura metálica é desenhada, principalmente para apoiar a luminária.



FIGURAS 40 e 41: Perspectivas sala compartilhada 02. Fonte: autoria própria



As cabines individuais são construídas com paredes com tratamento acústico para garantir o conforto nas reuniões online. Nesses ambientes, para deixar a pequena área mais confortável foi usada a pintura verde, que está ligada a calma, o forro foi instalado a uma altura menor e o uso da madeira como referência a natureza e a sensação de conforto.



FIGURAS 42 e 43: Perspectivas cabines individuais. Fonte: autoria própria



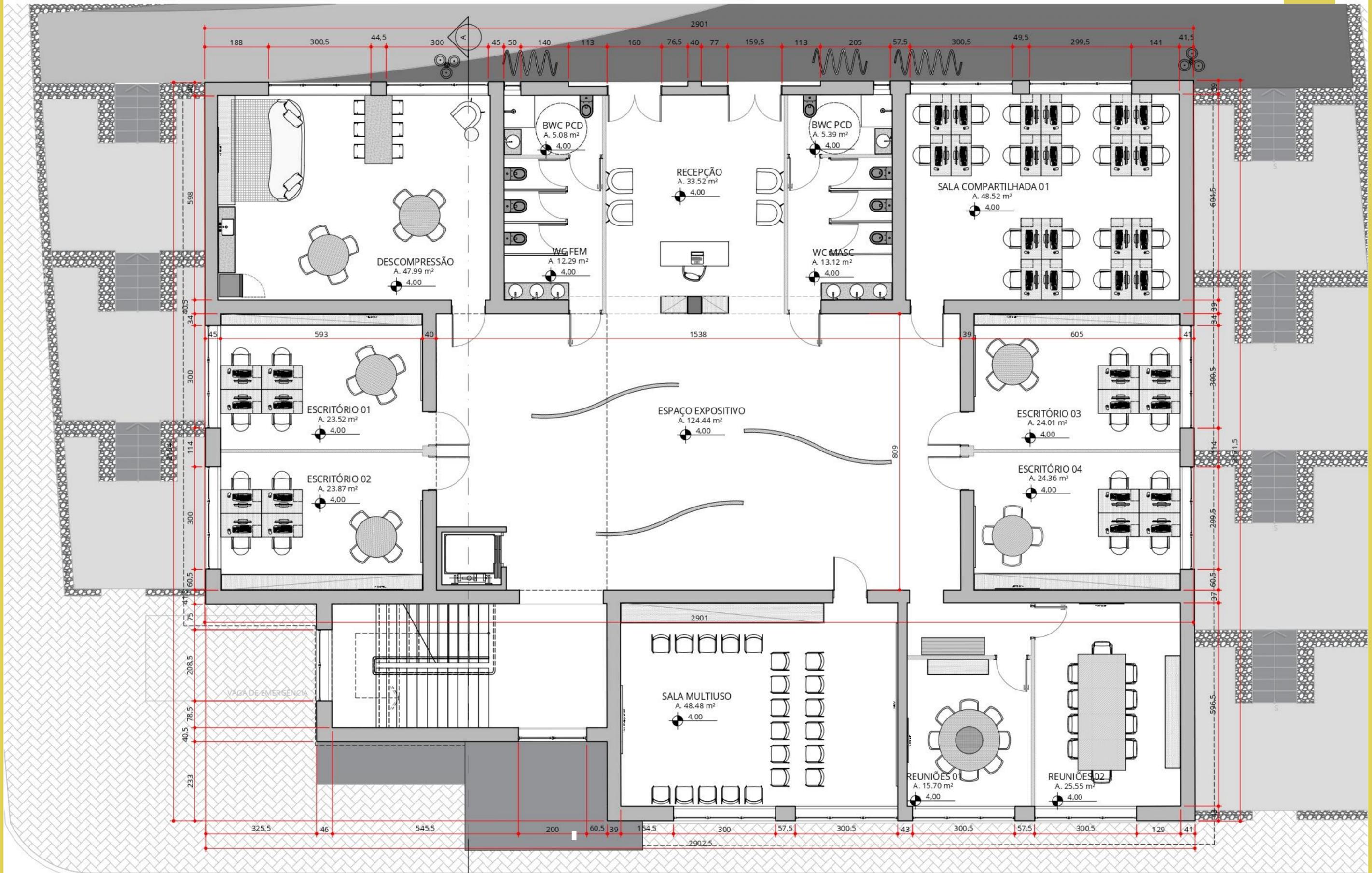
FIGURAS 44: Perspectiva área de impressão. Fonte: autoria própria



FIGURAS 45 e 46: Perspectivas sala compartilhada 03. Fonte: autoria própria

Uma impressora no escritório de arquitetura e a vida se torna mais prática! Por isso, nesse ambiente foram pensadas duas impressoras comuns A4 e uma plotter que atende até impressões A1. O armário de apoio também abriga folhas e outros materiais do dia a dia do coworking.

As salas compartilhadas seguem os mesmos padrões a fim de reforçar uma identidade e identificação do Coworking Antonieta de Barros. Nessa, o diferencial é um armário de lockers chaveados, que pode ser usado pelos profissionais que usarem o espaço com mais frequência.



PLANTA BAIXA 1º PAVIMENTO - PRAÇA
ESC.: 1/100

RUA VICTOR MEIRELES

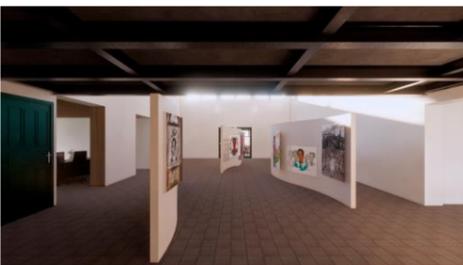


FIGURA 47: Planta humanizada 1º pavimento. Fonte: autoria própria



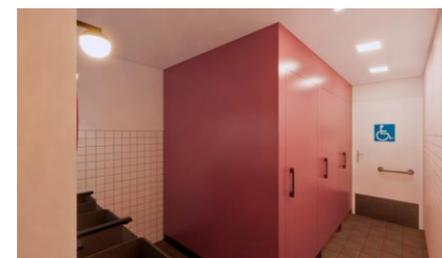
FIGURA 48: Perspectiva recepção. Fonte: autoria própria

Uma recepção imponente e marcante para organizar os fluxos, receber profissionais, fornecedores e clientes. A proposta inclui um forro ripado vazado de madeira, com objetivo de reduzir o pé direito provocando um ambiente mais aconchegante.



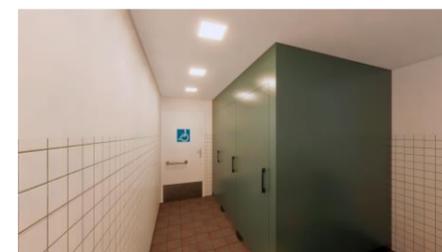
FIGURAS 49 e 50: Perspectivas espaço expositivo. Fonte: autoria própria

O Centro de Memória Negra solicitado pelo Governo do Estado, é instalado no pátio central da edificação, fazendo uma conexão entre interno e externo, já que está ao nível da praça. A intenção é de uma instalação fixa que valorize a história negra em Florianópolis, além de contar sobre o histórico da Antiga Escola. Os expositores em marcenaria seguem o desenho curvilíneo do projeto e os vazios no pátio podem receber outros eventos.



FIGURAS 51 e 52: Perspectivas bwc feminino. Fonte: autoria própria

O banheiro feminino é marcado pelo rosa em sua composição. A cabine para pessoas com necessidades especiais foi configurada diante da NBR9050 e também foi equipado com chuveiro, funcionando como vestiário.



FIGURAS 53 e 54: Perspectivas bwc masculino. Fonte: autoria própria

O padrão de banheiro se repete, e este se caracteriza pelos elementos verdes. Além dos elementos já comentados anteriormente, foi pensado também em um gabinete embaixo das pias para abrigar materiais de limpeza e suprimentos usados nos banheiros.



FIGURA 55: Perspectiva sala compartilhada 01. Fonte: autoria própria

Diante de um pé direito mais alto e de uma bela laje nervurada, as instalações aparentes passam a ser utilizadas e, nesse caso, são pintadas de branco, como a laje, para não descaracterizar esse tipo de sala.



FIGURA 56: Perspectiva desconpressão. Fonte: autoria própria

A desconpressão desse andar possui copa, mesas de refeição, sofá e poltrona para estar e ainda uma bancada alta que também pode ser usada para reuniões informais.

Na parede, as cores da marca do Coworking que compõem uma combinação de cores complementares que chama atenção por ser contrastante.



FIGURAS 57, 58, 59 e 60: Perspectivas escritórios privados. Fonte: autoria própria

Os escritórios privados foram pensados com 4 estações de trabalho e uma mesa para reunião pequena. Possui armários, e apesar de seguirem o mesmo padrão de marcenaria, podem ser personalizados em relação às artes e ao mobiliário solto. Nas propostas apresentadas as pinturas seguem a utilização de cores complementares e com uso de tons de laranja, azul e verde para estimular criatividade, tranquilidade e calma. Nesses ambientes as instalações recebem pintura preta para complementar a composição.



FIGURA 61: Perspectiva sala de reuniões 01. Fonte: autoria própria

As salas de reunião podem ser usadas pelos frequentadores do local ou pessoas externas, por isso tem uma ocupação maior. Na primeira, 8 pessoas e conta com uma prateleira de apoio, TV e a pintura na parede com cores que provocam sensação de calma, concentração e criatividade.



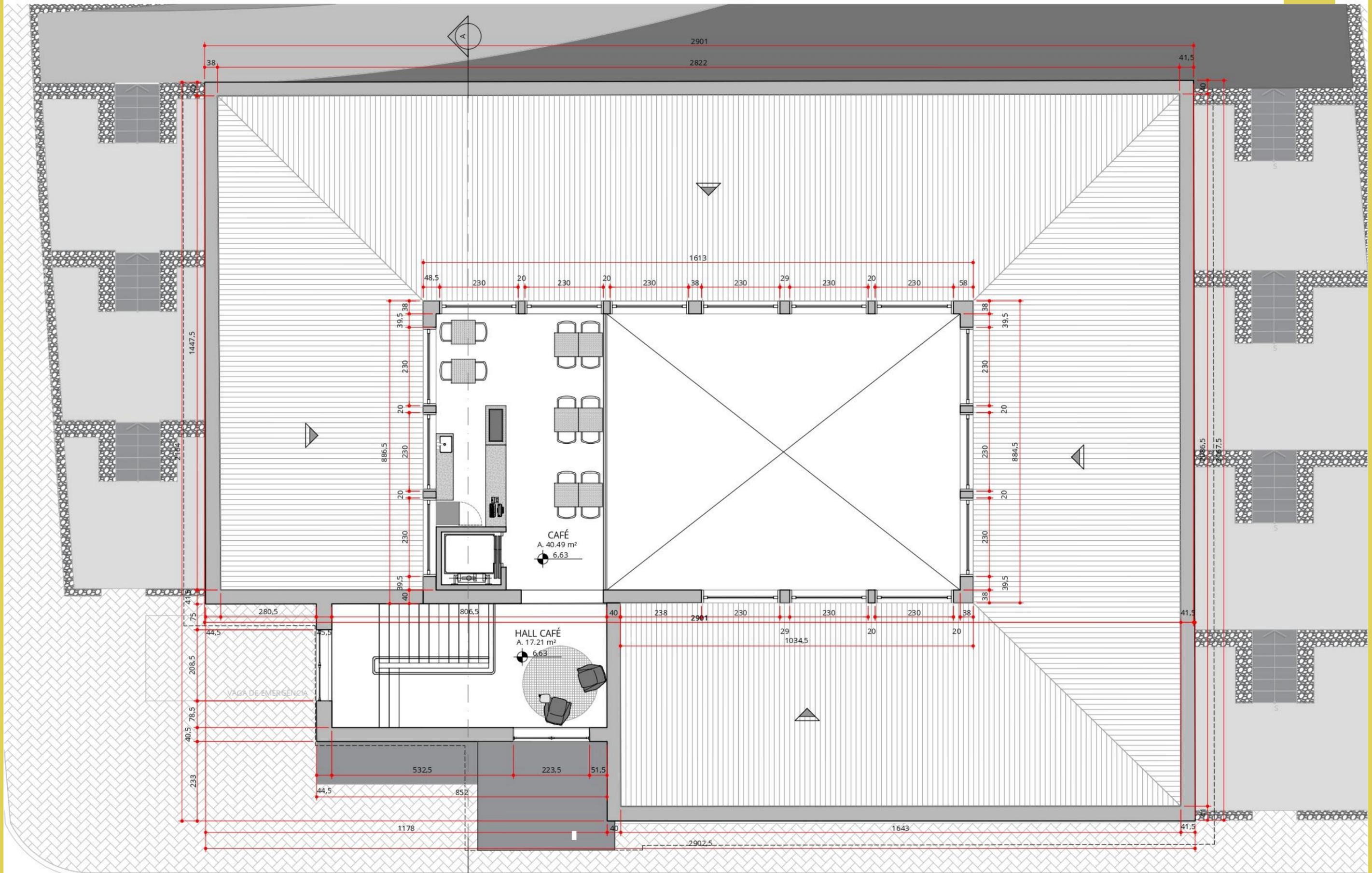
FIGURA 62: Perspectiva sala de reuniões 02. Fonte: autoria própria

E a sala 02 se diferencia da primeira apenas em relação às dimensões, podendo receber até 10 pessoas.



FIGURAS 63 e 64: Perspectiva sala multiuso. Fonte: autoria própria

A proposta da sala multiuso é que ela possa funcionar com sala audiovisual, de treinamento ou para outros eventos. Conta com um telão e projetor, uma lousa de anotação, um armário com materiais, cadeiras empilháveis que podem aumentar a lotação e ainda um palco desmontável em módulos com rodinhas que quando não está em uso é integrado ao armário.



PLANTA BAIXA MEZANINO
ESC.: 1/100

RUA VICTOR MEIRELES

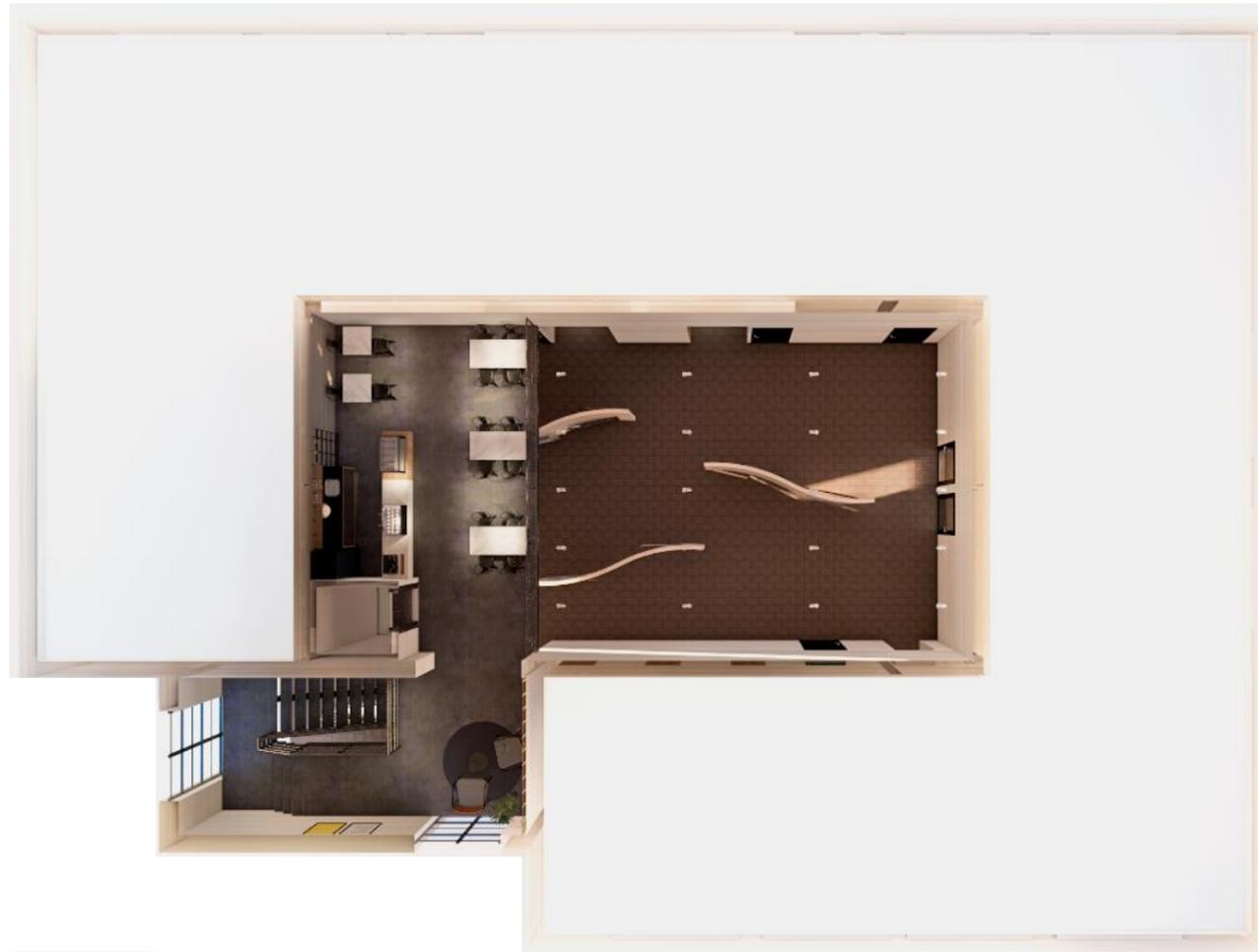


FIGURA 65: Planta humanizada mezanino. Fonte: autoria própria



FIGURA 66: Perspectiva hall do café. Fonte: autoria própria

O mezanino recebe piso com acabamento semelhante ao concreto e com isso o café configura um ambiente com estilo industrial. No hall uma galeria de quadros e poltronas para conformar um ambiente de estar.



O café é proposto para complementar outros cafés que já existem na região, e por isso sua baixa ocupação. A escolha de instalá-lo no mezanino é uma estratégia pra agregar a experiência da visita na edificação, já que está integrado visualmente com o espaço expositivo.



FIGURAS 67 e 68: Perspectivas café. Fonte: autoria própria

06 CONCLUSÃO

O modo de trabalho teve uma mudança significativa nos últimos dois anos, e projetar espaços que se adequem a essa realidade é fundamental. No mesmo contexto dessa mudança, acontece também a intensificação da preocupação com a sustentabilidade, e dentro da construção civil, isso pode ser aplicado com reuso de edificações. Dessa forma, o presente trabalho responde a demanda atual de profissionais que procuram por lugares flexíveis para trabalhar, além de revitalizar uma edificação abandonada e subutilizada. Considera-se ainda, que o reuso é aplicado numa edificação patrimonial, o que reforça a importância de adaptar edifícios tombados para mantê-los conservados, além da carga histórica que eles carregam. O resultado do trabalho é a proposição de ambientes confortáveis e favoráveis para a produtividade, e também, a integração da antiga Escola Antonieta de Barros com o local onde está inserida.

A experiência com trabalho foi super positiva pois foi desafiador aplicar a interdisciplinaridade da profissão, já que abordou um projeto reforma, restauro patrimonial, interiores e desenho urbano. Além disso, foi uma pesquisa em áreas complementares ao foco do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, por abordar temáticas mais relacionadas ao mercado de trabalho – interiores e arquitetura corporativa - tornando o processo ainda mais completo.

06 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDEL, Hana. Sede MGB / Spacefiction Studio. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/965510/sede-mgb-spacefiction-studio?ad_medium=gallery. Acesso em: 01 out. 2021.
- ALESC. Diagnóstico do Estado Geral de Conservação e Propostas de Intervenção para Reforma, Restauro e Recuperação Estrutural da Escola Antonieta de Barros. Florianópolis, agosto/2018.
- ANDRADE, Cláudia Miranda Araújo de. A História do Ambiente de Trabalho em Edifícios de Escritórios: Um Século de Transformações. São Paulo: C4, 2007.
- Archademy. Disponível em: <https://www.archademy.com.br/>. Acesso em: 26 fev. 2022.
- ARELLANO, Mónica. Como o "coworking" transformou nossos espaços de trabalho? Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/925262/como-o-coworking-transformou-nossos-espacos-de-trabalho>. Acesso em 18 set 2021.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 8995-1: Iluminação de ambientes de trabalho - Parte 1: Interior. Rio de Janeiro: ABNT, 2015. Disponível em: http://paginapessoal.utfpr.edu.br/vilmair/instalacoes-prediais-1/normas-e-tabelas-de-dimensionamento/NBRISO_CIE8995-1.pdf/view. Acesso em 20 ago 2021.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 2015. Disponível em: http://acessibilidade.unb.br/images/PDF/NORMA_NBR-9050.pdf. Acesso em 20 ago 2021.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9077: Saída de emergência em edifícios. Rio de Janeiro: ABNT, 2001. Disponível em: https://www.cnmp.mp.br/portal/images/Comissoes/DireitosFundamentais/Acessibilidade/NBR_9077_Sa%C3%ADdas_de_emerg%C3%Aancia_em_edif%C3%ADcios-2001.pdf.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10152: Níveis de ruído para conforto acústico. Rio de Janeiro: ABNT, 1987.
- AZEVEDO, Maria de Fátima Mendes de; SANTOS, Michelle Steiner dos; OLIVEIRA, Rúbia de. O uso da cor no ambiente de trabalho: uma ergonomia da percepção. Disponível em: https://hosting.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Arquitetural/Sa%FAde/o_uso_da_cor_no_ambiente_de_trabalho_uma_ergonomia_da_percepcao.pdf. Acesso em 05 ago 2021.
- BRASIL (Município). Constituição (2000). Lei Complementar nº 060, de 28 de agosto de 2000. Código de Obras e Edificações de Florianópolis. FLORIANÓPOLIS, SC, Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/smdu/index.php?cms=codigo+de+obras>. Acesso em 20 ago 2021.
- BRASIL, (Município). Constituição (2014). Lei Complementar nº 482, de 17 de janeiro de 2014. Plano Diretor de Florianópolis. FLORIANÓPOLIS, SC, Disponível em: <https://planodiretorflorianopolis.webflow.io/>. Acesso em 20 ago 2021.
- CUTIERU, Andreea. 8 Projetos em que arquitetos adotaram o retrofit e o reuso adaptativo. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/975526/8-projetos-em-que-arquitetos-adotaram-o-retrofit-e-o-reuso-adaptativo?ad_source=search&ad_medium=projects_tab&ad_source=search&ad_medium=search_result_all. Acesso em: 2 de fev. 2022.
- FERREIRA, Andreza Miranda. ESPAÇO COWORKING: Proposta de implantação de escritórios compartilhados. 2018. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fundação de Ensino e Pesquisa do Sul de Minas, Brasil, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unis.edu.br/handle/prefix/830>. Acesso em 14 set 2021.
- FONSECA, Juliana Figueiredo; MONT'ALVÃO, Cláudia. COR NOS LOCAIS DE TRABALHO: como aplicá-las de forma adequada às necessidades dos usuários e às exigências da tarefa?. In: ABERGO, 14., 2006, Curitiba. Cor nos locais de trabalho. Curitiba: Leui, 2006. v. 1, p. 1-7. Disponível em: https://portalbiocursos.com.br/ohs/data/docs/51/79-__Cor_nos_locais_de_Trabalho.pdf. Acesso em 15 ago 2021.
- FURTADO, João Eduardo Lima. Provocações sobre possíveis padrões estéticos no atual mundo das arquiteturas corporativas brasileiras: reflexões sobre o conceito de espaço-cenário em São Paulo e Florianópolis. 2022. 1 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/231285>. Acesso em 17 abr 2022.
- GUERINI SCOPEL, V. . (2015). Percepção do ambiente e a influência das decisões arquitetônicas em espaços de trabalho. arq.Urb, (13), 153-170. Disponível em <https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/275>. Acesso em 03 ago 2021.
- PMF/IPUF/SEPHAN. Plano Diretor de Florianópolis: Patrimônio Histórico e Cultural de Natureza Material: Diretrizes Básicas. Florianópolis, julho/2008.
- LACERDA, Claudia. cor. 2020. Disponível em: <http://emsa.informaticaeducativa.com.br/wp-content/uploads/2020/12/artes-aula-32-etapa-IV.pdf>. Acesso em 05 ago 2021.
- Ministério do Trabalho e Emprego. NR 08 – Edificações. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/composicao/orgaos-especificos/secretaria-de-trabalho/inspecao/seguranca-e-saude-no-trabalho/ctpp-nrs/norma-regulamentadora-no-8-nr-8>. Acesso em 20 ago 2021.
- Ministério do Trabalho e Emprego. NR 17 – Ergonomia. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/composicao/orgaos-especificos/secretaria-de-trabalho/inspecao/seguranca-e-saude-no-trabalho/ctpp-nrs/norma-regulamentadora-no-17-nr-17>. Acesso em 20 ago 2021.
- MOREIRA, Susanna. Coworking-Marechal 1551 / Nuno Valentim, Arquitectura e Reabilitação, Lda. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/966926/coworking-marechal-1551-nuno-valentim-arquitectura?ad_source=search&ad_medium=search_result_all. Acesso em: 01 out. 2021.
- O futuro do trabalho no Brasil: Insights sobre a colaboração e novas formas de trabalho. 2021. Disponível em: https://inthecloud.withgoogle.com/future-of-work-pt/register.html?utm_source=linkedin&utm_medium=unpaidsoc&utm_campaign=FY21-Q2-latam-LT924-website-dl-cloud_collab_research_178_pt_br&utm_content=linkedin. Acesso em: 17 nov. 2021.
- SANTOS, Claudia Maria Neme dos. Coworking: Contribuições de um modelo de consumo colaborativo e da Arquitetura Corporativa para o Gerenciamento das Cidades. Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades, S.l., v. 2, n. 12, p. 84-95, 2014. Disponível em: https://amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/gerenciamento_de_cidades/article/view/762. Acesso em 13 set 2021.
- SOARES, Juliana Maria Moreira; SALTORATO, Patricia. Coworking, uma forma de organização de trabalho: conceitos e práticas na cidade de São Paulo. Atoz: novas práticas em informação e conhecimento, [S.L.], v. 4, n. 2, p. 61-73, 31 dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/42337>. Acesso em 13 set 2021.
- TRANSFORMAÇÃO NA ARQUITETURA CORPORATIVA. S.l.: Soul Design Summit, 2021. (113 min.), son., P&B. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bdl_I-7jTFA. Acesso em 08 set 2021.